



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A intersubjetividade na relação continente-conteúdo
através de um Rorschach de aplicação conjunta
mãe adotiva e filha adoptada**

Carla Sofia Pereira Rosa dos Santos

Orientador de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MARIA EMILIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MARIA EMILIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA
Especialidade em Psicologia Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento é direccionado à Joana e à sua mãe, pela sua disponibilidade em participarem neste estudo.

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pelo seu ensaiamento, atenção, conhecimento e rigor, pela sua mestria em pensar o outro na sua subjectividade.

À minha mãe, pelo amor e carinho, e que sem ela, não teia iniciado este percurso.

Aos meus irmãos, cunhada e sobrinhos, pela paciência nos momentos em que estive menos disponível.

À Cláudia, à Maggy e ao Manuel, companheiros de viagem, desta e de outras.

Aos meus amigos pela compreensão e pelo estímulo.

E por fim, ao Bruno, o meu porto de abrigo, pela seu eterno amor e compreensão.

RESUMO

Este estudo tem por objectivo explicitar as dinâmicas relacionais intersubjectivas de uma díade mãe adoptiva - filha adoptada, nas suas diversas modalidades.

Assente na concepção psicanalítica do sujeito e através da articulação das ideias de Bion, foi constituído o objectivo do presente trabalho: compreender como os processos de subjectivação e dispersão/integração de subjectividades se interligam, possibilitando um novo início com a integração do antigo transformado e (re)significado, enquadrados na dialéctica intersubjectiva e acedidas através do método Rorschach.

O ponto de partida do presente estudo foram as concepções teóricas de Bion sobre a relação continente-conteúdo, a função α , a *rêverie*, e a forma como a identificação projectiva serve a comunicação intersubjectiva. Para aceder às dimensões da realidade psíquica em estudo, foram criados procedimentos específicos de análise das narrativas Rorschach de modo a dotar o instrumento de uma maior sensibilidade face ao objecto de estudo.

A análise de um protocolo de aplicação conjunta a uma mãe adoptiva e filha foi realizado com recurso aos procedimentos criados, de modo a apreender e compreender como se processa a transformação, (re)criação e (re)significação na dialéctica intersubjectiva, possibilitando assim o alargamento das potencialidades do instrumento neste tema.

Palavras-Chave: *Intersubjectividade, Relação continente-conteúdo, Rorschach*

Intersubjectivity in the container-contained relationship through Rorschach joint application foster mother adopted daughter

ABSTRACT

This study aims to explicate the intersubjective relational dynamics of a mother dyad foster mother - adopted daughter, in its various forms.

Based on a psychoanalytic conception of the subject and through the articulation of Bion's ideas, the objective of this work was made: to understand how the subjective processes and dispersion / integration of subjectivities are interconnected, enabling a new beginning with the integration of old transformed and (re) meaning, framed in intersubjective dialectic, accessed through the Rorschach method.

The starting point of this study was the theoretical conceptions of Bion on the container-contained relation, α function, *rêverie*, and how the projective identification serves the intersubjective communication. To access the dimensions of psychic reality under study, specific procedures were created to analyse the Rorschach narratives, and equipping the instrument of a greater sensitivity towards the object of study.

The analysis of a joint application protocol to a foster mother and adoptive daughter was conducted using the established procedures in order to learn and understand how transformation, (re)creation and (re)significance is processed in the intersubjective dialectic, extending the capabilities of the instrument in this regard.

Key-Words: *Intersubjectivity; Container-contained relationship; Rorschach*

Índice

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1.1. BION E A TEORIA DO PENSAMENTO.....	5
1.2. RELAÇÃO CONTINENTE-CONTEÚDO, FUNÇÃO A, RÊVERIE	8
1.3. IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA	13
2. OBJECTIVO DO ESTUDO.....	18
3. METODOLOGIA	20
3.1. TIPO DE ESTUDO.....	20
3.2. O MÉTODO RORSCHACH	22
3.3. PARTICIPANTES	26
3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	27
3.5. RECOLHA DO PROTOCOLO RORSCHACH	31
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	32
4.1. ANÁLISE CARTÃO A CARTÃO	32
4.2. ANÁLISE DOS PSICOGRAMAS	43
5. DISCUSSÃO.....	46
6. CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS.....	57
<i>Anexo A – Protocolo conjunto do Rorschach - Mãe e Filha</i>	<i>58</i>
<i>Anexo B – Psicograma da Joana</i>	<i>67</i>
<i>Anexo C – Psicograma da Mãe</i>	<i>68</i>
<i>Anexo D – Psicograma conjunto Mãe-Filha</i>	<i>69</i>
<i>Anexo E – Modelo da carta de consentimento informado</i>	<i>70</i>

INTRODUÇÃO

As relações afectivas primárias são alicerces fundamentais para a estruturação da mente humana. No processo de adopção, estes alicerces são fracturados e o bebé vivência uma situação traumática. A fractura entre a vida pré-natal e a pós-natal quando uma mãe biológica conhecida se perde para sempre, a angústia de aniquilamento potencializada ao não encontrar, após o nascimento, o objecto de amor na função materna, levam a sentimentos de desamparo e de insegurança que podem nortear a vida da criança uma vez que ela ainda não se encontra capaz de tolerar a falta de garantias de existência. Assim, o seu Ego passa a ser a sede da angústia ante a ameaça de nova situação traumática, seja a angústia de separação, de castração ou a perda de amor (Lisondo, 1999).

Ao separar-se da mãe biológica, há uma exigência de sobre-adaptação, o *self* primitivo do bebé a vê-se privado de maternagem e a ter de atender às exigências parentais, a criança adoptada precisa de se adaptar a desconhecidos e a estranhos, de transcrever a sua história, criar novos significados que a impeçam de, através de actos, revelar vínculos que não permitem a interpretação da sua experiência (Lisondo, 1999). A separação prematura, a fragilidade nas relações objectais dos primeiros tempos de vida, a ausência da palavra que dá nome à sua pessoa através da função materna, necessitam de uma reconstituição (Maggi, 2009).

Mas como é que a criança cria novos significados que lhe permitam interpretar a sua experiência?

No psiquismo de crianças adoptadas, verifica-se uma interrupção no encadeamento entre o que a criança viveu antes da adopção e o momento actual, não havendo recordação possível de acções não digeridas nem palavras para a expressão das emoções (Bion, 1962-91). A fractura é uma representação mal localizada, é algo que ficou à margem, significando uma ruptura com o passado. A criança fica aprisionada numa posição imaginária, sem condições de reordenar o desejo na ordem simbólica (Bleichmar, 1994).

A adopção exige dos pais adoptivos um enorme trabalho de elaboração psíquica. A sua estrutura mental é decisiva no destino da criança adoptada, precisando ocupar um espaço mental firme, consistente e esperançoso na realidade psíquica destes novos pais. Se, por um lado, a criança que vive o caos desintegrador da separação precoce experimenta a necessidade de um ambiente acolhedor, o adulto, ao iniciar com a criança adoptada a formação dos primeiros vínculos pode, ele próprio, estar confuso por reviver a sua experiência primitiva

das relações de objecto (Maggi, 2009).

Há que considerar que, quando a criança adoptada e o adulto se encontram numa situação caótica, é expectável que seja o adulto, enquanto portador do objecto contentor, que possibilite à criança dar sentido ao que está a ser experimentado (op. cit.). Assim, e dado ser na relação com os objectos que o indivíduo se constrói, o Outro desempenha um papel fundamental no processo de criação de novos significados. A comunicação não é só a transmissão de uma experiência, mas um processo pelo qual os indivíduos envolvidos obtêm uma experiência (Park & Burgess, 1973, cit. por Morais, 1974).

É através da actividade de ligação e comunicação das realidades internas e externas que se criam novas relações de continente-conteúdo e, conseqüentemente, novas realidades. Estas, por sua vez, conduzem a novas experiências geradoras de novas significações, possibilitando a (re)construção de objectos no espaço interno e a criação de sentires e sentidos, de sujeito e de objectos renovados (Cunha & Marques, 2009).

No modelo de relação continente-conteúdo de Bion, a interacção dinâmica entre continente e conteúdo, onde a função α opera transformando os elementos sensoriais em elementos pensáveis, potencia novas criações, novas representações, novos significados, viabilizando um novo início com a integração do antigo transformado e (re)significado.

As teorizações de Bion sobre função α , *rêverie*, modelo continente-conteúdo, transformação e sonho encontram suporte em conceitos intimamente relacionados sobre como a mente modifica a experiência emocional sensorial e a transforma numa representação conceptual de modo a que se desenvolvam formas maduras de pensar que ligam entre si narrativas adequadas para a comunicação consciente e inconsciente (Brown, 2011).

Através da identificação projectiva, o bebé projecta conteúdos (elementos β) num continente (a mãe) que os acolhe e, através da *rêverie*, processa-os, transformando-os em experiências assimiláveis e suportáveis (elementos α) passíveis de serem reintrojectadas pela criança. Mãe e criança entram numa relação simultânea de individuação-separação na qual a experiência da criança adquire sentido através da mãe e a resposta desta, i.e., a forma que a mãe dá à experiência, foi previamente condicionada pela criança (op. cit.). Nesta óptica, a identificação projectiva, meio de comunicação primitiva, deve ser apreendida não só como um processo evacuativo, tal como proposto por Klein, mas também como uma forma de comunicação concebida para induzir ao objecto uma resposta que transforma a experiência psíquica projectada.

Considerando que a subjectividade do indivíduo pressupõe a existência de dois

indivíduos que juntos criam uma intersubjectividade, a identificação projectiva deverá ser entendida como a co-criação de uma nova subjectividade através da relação de interpenetração de subjectividades. Assim, e no âmbito dos processos geradores de conhecimento, pensamento e transformação dentro da relação continente-conteúdo, o processo dialéctico ganha sentido no âmbito da identificação projectiva, enquanto meio inconsciente de comunicação afectiva e da intersubjectividade, enquanto campo da formação da subjectividade.

Este será o percurso realizado no presente estudo: visitar o modelo teórico continente-conteúdo e os conceitos de função α e *rêverie* propostos por Bion, explorar alguns dos seus postulados relativamente às dinâmicas relacionais, com destaque para o da identificação projectiva enquanto motor da comunicação e criação intersubjectiva, para melhor compreender a dinâmica entre a criança adoptada e a sua nova mãe.

O desejo de compreender como é que uma criança adoptada se cria e se recria surge na sequência do acompanhamento clínico de uma menina, a Joana, adoptada pela Maria e pelo Pedro, aos cinco anos e meio. Procurando ajuda para a filha, a mãe da Joana recorre ao serviço de psicologia na sequência das alterações de comportamento da filha adoptiva que começou a apresentar condutas de agressividade verbal, oposição, zanga e revolta direccionados à mãe e à avó paterna. A mãe associa a mudança de comportamento da filha ao sofrimento, dado as queixas terem começado a surgir pouco tempo após o súbito aparecimento da doença do pai adoptivo e agravado após sua morte.

Subsequente à realização da avaliação psicológica da criança, é despertado o interesse em apreender e entender como o processo dialéctico mãe adoptiva – filha adoptada se interliga nos processos de subjectivação, tendo em conta a actuação da *rêverie*, a natureza do continente, a qualidade da internalização da função α e a (re)construção de objectos internos, possibilitando o crescimento e expansão mental, tendo para tal sido escolhido a aplicação conjunta do Rorschach.

Com inscrição na teoria psicanalítica, o método Rorschach apresenta-se como a metodologia adequada dado se encontrar estruturado de forma a reenviar mais para as dimensões internas, subjectivas e interpretativas (Marques, 1998, in Chabert, 2003), possibilitando o acesso aos movimentos e processos mentais mais fundamentais do indivíduo, em particular os que dão conta do crescimento e expansão mental, e que impõem uma actividade de ligação, transformação e (re)criação entre interno e externo. Através da identificação projectiva, enquanto lugar de encontro, de comunicação e conciliação, de união

e de integração entre o interno e externo, entre sujeito e objecto, a disruptividade presente aquando do reconhecimento, o dar sentido e significação às manchas Rorschach vai, através de novas relações continente-conteúdo, dar lugar a novas significações e à criação de um novo objecto (Marques, 1999). Estas novas significações e criações serão motivo de análise por fim a compreender como se interligam os processos de subjectivação que ocorrem no processo dialéctico mãe-filha.

Tendo como base o referencial teórico exposto pretende-se, através de uma aplicação conjunta do Rorschach a uma díade mãe adoptiva - filha adoptada, analisar os seus processos de (re)construção simbólica decorrentes das relações com os seus objectos internos e externos, da sua relação continente-conteúdo, da função α e da *rêverie*.

O presente estudo encontra-se organizado em quatro partes. Num primeiro momento será realizada uma revisão da literatura das concepções de Bion sobre o desenvolvimento do pensamento, função α , relação continente-conteúdo e *rêverie*. No encadeamento dos conceitos de Bion, serão também revisitados os conceitos de identificação projectiva e intersubjectividade, culminando com apresentação do objectivo de estudo, tendo em conta o referencial teórico e o lado empírico do estudo.

A segunda parte é consagrada à metodologia onde será descrito um modelo de estudo qualitativo assente no estudo de caso e caracterizado o método Rorschach e os procedimentos de análise utilizados. Num terceiro momento serão apresentados os dados recolhidos através do protocolo de aplicação conjunta, com a realização da análise cartão-a-cartão e dos três psicogramas resultantes da aplicação do Rorschach. A discussão dos resultados obtidos encerrará a terceira parte deste estudo. Por fim será realizada uma reflexão sobre o percurso efectuado, salientando as suas contribuições e limitações no âmbito da psicologia clínica.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Bion e a Teoria do Pensamento

*Tudo o que somos nasce com os nossos pensamentos.
Em nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo.
(Buda, s.d.)*

O modelo para a vida psíquica e para o pensamento assenta, para Bion, na concepção que a formação dos pensamentos e do aparelho para pensar têm a sua origem na experiência emocional de desamparo do lactante, na sua capacidade de tolerar, ou não, a frustração das necessidades básicas que lhe são impostas. É a capacidade de tolerância à frustração que vai possibilitar o desenvolvimento do aparelho para pensar como se o pensar se apresentasse como uma espécie de solução para se lidar com a frustração.

Ao formular a hipótese que o pensamento é um desenvolvimento forçado sobre o psiquismo, pela pressão dos elementos dos pensamentos e não o contrário, Bion distingue pensamento e função de pensar, i.e., diferencia os elementos do pensamento dos pensamentos propriamente ditos. Para Bion, os elementos do pensamento correspondem aos elementos α e β e às preconcepções enquanto o pensamento propriamente dito desenvolve-se para entrar em contacto com a realidade, resolver problemas e aprender com a experiência. Bion postula que os pensamentos são anteriores aquilo que os pode conter, i.e., a um aparelho para pensar os pensamentos (1962, Zimerman, 1995).

Aos pensamentos por conter, os protopensamentos, constituídos por impressões sensoriais, vivências emocionais muito primitivas ou pressões instintivas que não são passíveis de serem pensadas, Bion nomeia de elementos β . Estes são os sentidos desprovidos de sentido, a “coisa em si” mas dotada de componente emocional, sensações sem nome não-digeridas que causam frustração e como tal, adequados a serem evacuados para o exterior por não poderem ser pensados. Se o ódio resultante da frustração não for superior à capacidade do ego do bebé de suportá-lo então, resultante da acção da função α , assistir-se-á à sadia formação do pensamento, caso contrário, as experiências sensoriais primitivas e caóticas são aliviadas através da agitação motora ou somatização.

Através da identificação projectiva, o bebé evacua os elementos β para o interior da

mãe, ou de um continente materno, onde são colocados para serem trabalhados e devolvidos sob a forma de elementos α . Reintrojectados pelo bebé, os elementos α são então integrados no seu funcionamento mental, com inscrição no campo do sentido e da significação (Viegas, 2007), abrindo caminho para o pensamento onírico, a produção de sonhos, a memória e funções do intelecto. São estes elementos α , imagens visuais ou padrões auditivos e olfactivos passíveis de serem sonhados e pensados, que vão participar na formação de um aparelho para pensar os pensamentos que lhe são anteriores. Ao processo de transformação dos dados sensoriais e emocionais em elementos com significado psíquico, elementos α , Bion designa por função α , realçando tratar-se da internalização da complexa relação intersubjectiva entre a mãe e bebé, do pensar conjunto da díade mãe-bebé como um par pensante (Brown, 2011).

Bion fala ainda da existência de uma barreira, a barreira de contacto, que separa os fenómenos mentais, o interno do externo, o inconsciente do consciente. Esta, à semelhança de uma membrana osmótica, funciona como uma membrana semipermeável demarcando o contacto com a realidade, separando e mediando o seu intercâmbio, preservando as fantasias e os fenómenos endopsíquicos do impacto da realidade e impedindo que o contacto com a realidade seja invadido por emoções de origem interna. É a proliferação dos elementos α que aderem entre si e evitam que elementos de um estado mental interfiram com o outro, que constituem barreira de contacto, fornecendo ao indivíduo a sensação de integração. Com uma função simbólica primordial, permite à personalidade registar, elaborar e comunicar a soma de experiências que a caracterizam. Para Bion, o que está subjacente aos estados confusionais, à não diferenciação entre consciente e inconsciente, entre fantasia e realidade, tal como é expresso nos estados psicóticos, é a deterioração ou falha da barreira de contacto e, conseqüentemente, da função α . A dificuldade em produzir elementos α permite a aglomeração de elementos β (tela β), desencadeando a tendência do agir e a incapacidade de criação de símbolos, na medida em que os elementos β não são passíveis de serem recalcados nem utilizados ao serviço do pensamento (Golse, 1998).

A formação saudável do pensamento ocorre quando o ódio pela frustração não se sobrepõe à capacidade do ego do bebé em tolerá-la e, através da função α , as sensações oriundas dos órgãos dos sentidos e as emoções vivenciadas como realizações positivas ou negativas, são integradas. Contudo, se o ódio pela frustração for superior à capacidade do ego do bebé em tolerá-la, os protopensamentos apresentar-se-ão na forma de elementos β que não se prestam à função de serem pensados e, como tal, têm de ser imediatamente evacuados devido ao sofrimento que *algo sem nome* causa.

De acordo com a teoria de Bion, o surgimento da capacidade de pensar tem origem a partir da reacção à experiência emocional primitiva e da capacidade do bebé em tolerar as frustrações que advém das suas privações. Na ausência do objecto e da capacidade do bebé em tolerar as frustrações resultantes das privações que lhe são impostas, o bebé, numa tentativa de fuga à realidade angustiante, recorre a mecanismos que evitam o conhecimento, impedindo-o de modificar a realidade a partir da aprendizagem com a experiência (Jardim, 2012).

Para além da capacidade de tolerância à frustração, o desenvolvimento da capacidade de pensar está também dependente da forma como a mãe recebe e transforma as identificações projectivas do bebé, pelo que não será suficiente a mãe amar o seu bebé, é preciso que ela o queira compreender. O sucesso do desenvolvimento encontra-se assim intimamente relacionado com o modelo da mãe real, se esta utiliza o seu próprio conhecimento e pensamento para conter as angústias do bebé, à capacidade de formação de símbolos do bebé que se encontra dependente do ingresso na posição depressiva e ainda, com o desejo do bebé em conhecer os conteúdos mentais, relacionados com as emoções de amor e ódio vivenciadas (Zimerman, 1995).

Quando existe um sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que se presta a ser conhecido, estabelece-se o vínculo K (*knowledge* = conhecimento). O desenvolvimento do vínculo K ocorrer quando a capacidade da mãe em acolher e transformar as identificações projectivas do seu bebé é apropriada, criando as condições adequadas para que este faça uma aprendizagem a partir as suas experiências, positivas e negativas. Porém, quando a mãe é incapaz de conter e dar significado, sentido ou nome às identificações projectivas do bebé e as devolve acrescidas das suas próprias frustrações, os conteúdos geradores de mais ódio e angústia permanecem na mente do bebé, resultando em dificuldades acrescidas no desenvolvimento do aparelho de pensar, na simbolização e na comunicação, impossibilitando a aprendizagem através da experiência. Nestes casos, desenvolve-se o *vínculo -K*, também denominado como *vínculo não K*, onde as angústias e projecções carregadas de elementos β que o bebé evacuou na mãe lhe são devolvidas sob a forma de um “*terror sem nome*”, deixando o bebé sem capacidades de nomear e dar significado aos conteúdos psíquicos e sensoriais provenientes da sua experiência (Bion, 1062-91).

1.2. Relação continente-conteúdo, Função α , Rêverie

Toda a vida psíquica, precisa de uma outra para poder pensar e sonhar
(Marques, 1999)

Realçando a importância das emoções e da primeira relação para a aquisição dos fundamentos básicos da construção do psiquismo, Bion (1962-91) desenvolve o modelo continente-conteúdo para compreender e expressar os acontecimentos intrapsíquicos e intersubjectivos, referindo ser a relação de continente (\varnothing) – conteúdo (σ) que possibilita o bebé investigar os seus próprios sentimentos numa personalidade forte e suficiente para os conter, considerando como continente o lugar onde o objecto é projectado e conteúdo o objecto projectado. Refere ser através da identificação projectiva que um conteúdo (elementos β) é projectado para dentro de um continente que acolhe, contém temporariamente, transforma pela função de *rêverie* e o devolve sob a forma de elementos α , passível de ser nomeado, pensado e sonhado.

O autor distingue três tipos de relação continente-conteúdo: a parasitária, na qual o conteúdo projectado é tão explosivo e malévolos que o continente destrói ambos, passando a alimentarem-se de mentiras que funcionam como uma barreira contra a verdade; a comensal, onde continente e conteúdo convivem sem grandes atritos, desenvolvendo-se a capacidade de inventar formas de linguagem que posteriormente contribuirão para o desenvolvimento emocional, e a simbiótica na qual, tal como numa relação amorosa, continente e conteúdo se harmonizam e beneficiam mutuamente da relação (Symington & Symington, 1999; Zimmerman, 1995). Para Bion as díades mãe-bebé que interagem desta maneira formam um par pensante cuja actividade $\varnothing - \sigma$ é introjectada como aparelho para pensar, enquanto parte integrante da função α , resultando no crescimento de ambos e na co-criação de novos significados. Este acto de criação partilhada resulta da inseminação do continente com experiências emocionais por processar, na expectativa que este as pense, transforme e as devolva passíveis de serem pensadas e sonhadas. Os elementos transformados devolvidos vão estimular novas criações e associações impulsionadoras do desenvolvimento (Bion, 1997, cit. por Brown, 2011).

Considerando a importância da interacção mãe-bebé no desenvolvimento do aparelho psíquico do bebé e o postulado que os pensamentos e as emoções são indissociáveis então, de acordo com Bion, teria de haver na mente uma função que concedesse sentido e significado

às experiências. À elaboração da vivência emocional que digere a experiência e nutre o pensamento, Bion designou de função α (Martins, 2005).

No período inicial de vida, a experiência mental do bebê é regida por impressões sensoriais desprovidas de sentido ou sensações sem nome que causam frustração – elementos β . Estes, não digeridos, são sentidos como corpos estranhos na mente, como a coisa-em-si-mesmo apenas adequadas para serem evacuadas para o exterior, por meio da identificação projectiva, por não serem pensadas. Através da função α , os elementos β são transformados em elementos α , elementos com significado psíquico passíveis de serem pensados e sonhados. Devido à imaturidade do seu aparelho mental, quando o bebê nasce ainda não possui a capacidade de transformar o conteúdo do sistema protomental, a experiência emocional sensorial numa representação conceptual, sendo através da intervenção da mãe que o bebê desenvolve a sua própria função α (Symington & Symington, 1999).

Sendo um aspecto da personalidade responsável por compreender a realidade emocional e dar significado afectivo às percepções, a função α desenvolve-se numa coreografia única com o seu par, a mãe (Bion, 1962, cit. por Brown, 2011). Assim, e de forma implícita, Bion atribui a função α a uma produção do ego responsável por atribuir significado emocional à experiência, possibilitando o desenvolvimento do pensamento (Brown, 2011).

A função α decorre da acção da mãe em receber a evacuação dos conteúdos angustiantes projectados pelo seu bebê – elementos β , contê-los, tolerá-los, processá-los e por fim, devolvê-los transformados de modo a que a criança os possa tolerar - elementos α . Se a capacidade de *rêverie* da mãe lhe permitir responder adequadamente às identificações projectivas do seu bebê, este sentir-se-á compreendido e reconfortado, recebendo a parte de si que foi evacuada numa versão melhorada, acompanhada da experiência de um objecto que já é capaz de tolerar e de pensar sobre ele. O bebê começa então a ser mais capaz de se tolerar a si mesmo, apreender-se a si e ao mundo em termos de significado e a sua experiência emocional adquire sentido e significado psíquico.

Introjectada a função α da mãe, os elementos, outrora intoleráveis dado o seu carácter ambíguo e desconhecido, são dotados de significado psíquico e como tal, passíveis de serem sonhados e pensados, permitindo ao bebê a possibilidade de enfrentar novos desafios e de aprender com a experiência. Assim, o desenvolvimento da capacidade do bebê de pensar encontra-se dependente não só a capacidade de *rêverie* da mãe para colocar ordem na experiência caótica, mas também na sua disponibilidade como objecto predisposto a ser

internalizado.

A introjecção do objecto continente e da sua função α , habilita o bebé de, ele próprio, começar a elaborar a sua própria experiência emocional (Zimmerman, 1995). Assim, a relação continente-conteúdo tem um papel preponderante na organização do espaço mental, não só através da relação precoce mãe-bebé, mas também pela introjecção da função α . Porém, se o ódio do bebé pela frustração for maior que a capacidade do seu ego em suportá-la, assiste-se a um movimento de fuga à realidade angustiante, com o bebé a recorrer a mecanismos que o impeçam modificar a realidade a partir da aprendizagem com a experiência (Jardim, 2012).

Bion faz ainda referência a situações em que, apesar de já se ter iniciado o desenvolvimento da função α , a dor psíquica é de tal forma intensa que se assiste uma reversão da função α com a criação de objectos bizarros, i.e., de elementos β , diferentes dos elementos β originais, compostos por fragmentos do ego e do superego que são descarregados ou pela acção ou para dentro do corpo pelos órgãos dos sentidos (Zimmerman, 1995).

No caso de se verificar uma disfuncionalidade na introjecção da função α , a formação da barreira de contacto pode ocorrer com falhas, comprometendo o desenvolvimento de um espaço de troca e de comunicação no qual a constituição do processo dialéctico contínuo, essencial à criação do pensamento, entre fantasia/realidade, Eu/não-Eu, símbolo/simbolizado, continente/conteúdo, em que cada polo cria, dá forma e nega o seu oposto, fornecendo os alicerces e continentes para a formação da identidade não se elabora. O aparecimento da barreira de contacto é crucial para o funcionamento psíquico. É a sua tripla função de diferenciar e mediar o contacto entre instâncias psíquicas, entre o consciente e o inconsciente, entre o que pertence ao indivíduo e o que pertence ao exterior e entre o que são as representações e as coisas em si, que possibilita a criação de novos objectos internos e externos e a recriação do indivíduo e de objectos com novas qualidades e novas características (Cabral, 1998, cit. por Soares & Marques, 2009).

Para além da capacidade do bebé em suportar as frustrações, falhas na introjecção da função α também podem decorrer da capacidade de *rêverie* da mãe uma vez que, quando a mãe é incapaz de conter e dar significado, sentido ou nome às identificações projectivas do bebé e as devolve acrescidas das suas próprias frustrações, os conteúdos geradores de ódio e angústia permanecem na mente do bebé, conteúdos esses para os quais o bebé ainda não desenvolveu a capacidade de conter e nomear, resultando em dificuldades acrescidas no desenvolvimento do aparelho de pensar, na simbolização e na comunicação, impossibilitando

a aprendizagem através da experiência.

Nos casos em que a capacidade de *rêverie* da mãe é insuficiente, i.e., em que as angústias e as projecções, carregadas de elementos β , que o bebé evacua na mãe são lhe devolvidas sob a forma de um “*terror sem nome*”, desenvolve-se um ego fragilizado com enormes dificuldades em discernir entre o bom e o mau (Bion, 1962-91). Por outro lado, quando é o estado mental da mãe que se encontra fechado para albergar as identificações projectivas do seu bebé, reagindo de forma negativa às suas projecções, verificar-se a inversão da *rêverie* cujo resultado é o desenvolvimento de um tipo particular de superego patológico, em que a principal característica é o ódio por qualquer desenvolvimento da personalidade (Ferro, 2002).

Assim, a *rêverie* reflecte a capacidade de sonhar o Outro, um tipo especial de sensibilidade ao outro. É a capacidade de permanecer numa atitude que permite receber, acolher, decodificar, significar, nomear as angústias do outro e só as devolver quando devidamente desintoxicadas (Zimmerman, 1995). É um estado de receptividade e ressonância emocional que permite à mãe receber quaisquer objectos do seu objecto amado. É a capacidade de acolher as identificações projectivas do bebé, independentemente destas serem sentidos por ele, como boas ou más (Bion, 1962, cit. por Brown, 2011). Sendo uma parte da função α da mãe, a *rêverie* é uma atitude mental da mãe que, sem negar nada, tenta descobrir e acrescentar mais sentido e outros sentidos aos conteúdos do seu bebé de maneira a que, quando devolvidos, haja uma catarse nela e no bebé. São os pensamentos da mãe que vão proporcionar ao bebé o desenvolvimento do seu aparelho para pensar e o fortalecimento do seu "Eu" uma vez que, devido à intervenção materna, os maus conteúdos evacuados são transformados em bons conteúdos, permitindo assim ao bebé aprender não só que as coisas podem ser transformadas, mas que a mãe exerce um importantíssimo papel nessa transformação.

A capacidade de *rêverie* da mãe é apropriada quando esta cria as condições adequadas para que o seu bebé faça uma aprendizagem com as suas experiências, positivas e negativas, resultantes das privações e frustrações. Em contrapartida, é insuficiente quando a mãe deixa o bebé sem capacidades de dar significado aos conteúdos psíquicos e sensoriais provenientes da sua experiência, resultando num colapso da criação mútua da intersubjectividade, subjacente a uma identificação projectiva saudável (Bion, 1962-91).

Considerando a *rêverie* como o motor da vida mental e saúde psíquica através da qual é possível aceitar, processar e transformar os estímulos da realidade externa, Ferro (2006)

apresenta três fontes de trauma decorrentes da relação com os objectos primários que podem comprometer o desenvolvimento do funcionamento mental: um defeito na função α do cuidador, incapacitando-o de transformar os elementos β do bebé em elementos α , inabilitando a introjecção do bebé de ferramentas essenciais para a gestão básica da vida psíquico e para o desenvolvimento da capacidade de simbolizar e sonhar; um continente inadequado impedindo ao bebé a introjecção de um continente para acolher e conter as emoções e os pensamentos, potenciando o recurso a mecanismos de defesa como a clivagem e a letargia de estados emocionais sentidos como intoleráveis; e um excesso de estímulos (elementos β) que se acumulam como "factos não digeridos" que aguardam a sua transformação.

Nas palavras de Meltzer (1981), o desenvolvimento e saúde mental são decorrentes das relações íntimas na medida em que os eventos primordiais destas, as experiências emocionais, possibilitam imbuir os conflitos de significado emocional que, ao serem pensados e compreendidos, contribuem para o crescimento e desenvolvimento da mente. Como tal, a aquisição dos fundamentos básicos da vida mental, tal como a função α , responsável pela elaboração da experiência emocional, é resultante da intensa profundidade, intimidade e reciprocidade entre a díade mãe-bebé vivenciada na experiência da primeira relação.

Assim, quando se verificam interferências na relação $\text{♀} - \text{♂}$, seja por uma falha da função de *rêverie* da mãe, por esta não ser um continente adequado aos conteúdos do seu bebé, seja pelo ódio e inveja do bebé que impeçam a mãe de exercer a função de continente, o vínculo mãe-bebé é quebrado, resultando numa grave perturbação na pulsão epistemofílica da qual depende o desenvolvimento e a aprendizagem (Ferro, 2002), evidenciando-se assim a intersubjectividade enquanto base estruturante do mundo intrapsíquico, onde os vínculos que se estabelecem assumem um papel preeminente na organização dos fenómenos psíquicos e processos mentais, e na forma como estes se relacionam nas suas relações com o objectos, internos e externos (Rezende, 1995).

1.3. Identificação Projectiva

We learn about the minds of our objects by projecting into them our inner states (to see how they react), and we learn about our own inner states by using the minds of our objects as instruments for measuring them (by seeing how they react).

Carter, 1996, cit. por Brown, 2011

A identificação projectiva consiste na criação de narrativas inconscientes que envolvem a fantasia da evacuação de uma parte de si num outro. Esta evacuação fantasiada serve o propósito ora de protecção contra os perigos representados por um aspecto de si, ora de salvaguardar de uma parte de si, depositando-a num outro que é experienciado como apenas parcialmente diferenciada de si (Klein, 1946-55, cit. por Ogden, 2004).

Para Melanie Klein (1975), a identificação projectiva consiste na projecção de partes do ego na mãe numa tentativa de controlar e possuir o objecto, sugerindo a existência de um processo psíquico no qual aspectos do *self* são projectados, não só na representação psíquica do objecto mas também no objecto em si. Tal implica a clivagem de partes do *self* e a sua projecção em objectos externos, ficando estes possuídos e controlados pelas partes projectadas, e com elas identificados.

Dependendo do objectivo a alcançar, também assim será a parte do *self* escolhida para ser projectada. Originando sentimentos de empatia, as partes boas do *self* podem ser projectadas ora com o intuito de evitar o afastamento do objecto amado, de manter o objecto a salvo das partes más dentro de si ou de melhorar o objecto mediante uma espécie de reparação projectiva. O sentimento de culpa surge aquando da projecção das partes más do *self* clivado, cujo objectivo é livrar-se das partes destrutivas e odiadas do objecto de modo a o poder atacar e destruir. Assim, de acordo com Ogden (1994), o que distingue a identificação projectiva empática da patológica é a concepção de relação Eu-Outro, i.e., no respeito pelo outro enquanto sujeito separado de si e na noção vivenciada pelo próprio de ser e estar separado e distinto, em si mesmo.

Expandindo o conceito apresentado por Klein, Bion vai situá-lo dentro do seu modelo continente-conteúdo, com um conteúdo a ser projectado para dentro de um continente, destacando a acção da projecção no interior de quem a recebe, e não apenas de quem projecta. Ao invés da projecção, a identificação projectiva expõe não só certos aspectos do

self mas também induz o objecto da projecção experienciar aquilo que é projectado.

Trabalhando o conceito de identificação projectiva, Bion associa-lhe uma componente interpessoal, onde a subjectividade e a capacidade de pensamento são criados num espaço interpessoal (1959; 1962-91). Para o autor, a identificação projectiva é muito mais do que uma defesa onipotente, é a forma primitiva do que mais tarde será a capacidade de pensamento. Em virtude dos conteúdos do bebé terem sido projectados num continente capaz de os acolher, desintoxicar e devolver sob a forma de serem tolerados e pensados pelo bebé, Bion considera ser por intermédio da identificação projectiva que o bebé realiza a passagem da posição esquizo-paranoide, estado mais arcaico e desintegrado de onde emergem sentimentos e emoções intoleráveis para bebé, para a posição depressiva, estado de maior integração e coesão do *self*. Na sua visão, é através da identificação projectiva que o bebé se vai expandir e ampliar dentro do espaço mental da mãe, possibilitando-lhe a construção de elos de ligação entre sensações e emoções e a consciência que terá delas, a base para a construção de objectos mentais e para a simbolização.

Tal como “um pensamento errante em busca de um pensador para nele se alojar”, através da identificação projectiva, o bebé evacua um conteúdo constituído por sensações e/ou emoções muito primitivas e angustiantes, os seus elementos β , projectando-o na mãe, o seu continente, com a intenção de o receber de volta, desintoxicado e suportável – elementos α .

Como continente, a mãe deverá permitir que as cargas projectivas do seu bebé penetrem dentro dela e, através da sua *rêverie*, recebe-las, acolhe-las, processa-las, descodifica-las e devolve-las devidamente nomeadas e significadas. Ela terá de ser sensível às necessidades do seu bebé, de integrar, processar e dar significação à experiência de modo a que ele não seja invadido por novos elementos β (Bion, 1992, cit. por Zimmerman, 1995).

Para Bion, a identificação projectiva representa um processo psicológico interpessoal onde, através da interacção com o outro, o indivíduo exerce pressão no destinatário da identificação projectiva por forma a este experimentar-se e comportar-se de acordo com a fantasia onipotente projectada (Ogden, 2004). Reforçando esta ideia, Grostein (1985) postula que, para que a significação ocorra é necessário a presença de um Outro dotado de profundidade capaz de conter a projecção, não podendo, por isso, haver identificação projectiva no vazio.

No modelo ♀ - ♂, a identificação projectiva surge como uma conceptualização da criação da subjectividade através da relação de interpenetração de subjectividades, i.e., quem

projecta e quem acolhe a projecção entra numa relação simultânea de individuação-separação na medida em que, a experiência do bebé adquire sentido através da função α da mãe e a forma que esta dá à experiência do seu bebé é, de alguma forma, previamente determinada por este. A mãe, ao permitir-se ser habitada pela criança na sua contra-identificação é, também ela, criada pela criança (Grinber, 1962, cit. por Ogden, 1992) uma vez que, a forma como a mãe se deixa ser tomada pelo bebé e a forma como serve de continente às suas projecções é pautada pela sua própria experiência com ele. Ao não se permitir ser habitada pela criança, a mãe destrói o vínculo entre o seio e o bebé, impossibilitando-o de dar forma ao mundo, de dar significado aos seus conteúdos psicológicos sensoriais provenientes da sua experiência. A quebra deste vínculo resulta em dificuldades acrescidas no desenvolvimento do aparelho de pensar do bebé e, conseqüentemente, na sua simbolização e comunicação, verificando-se um colapso na criação mútua da intersubjectividade, subjacente a um identificação projectiva saudável, (Bion, 1959). Apesar da díade mãe-bebé existir em unidade, são entidades separadas e como tal, com subjectividades próprias. A intersubjectividade, campo de intersecção entre duas subjectividades, interacção entre dois mundos subjectivos diferentes, é criada pela díade aquando dos momentos de sincronia entre si.

Não sendo apenas uma operação mental que age fantasmaticamente no interior do psiquismo de cada um, a identificação projectiva vai levar a um agir com intencionalidade, o de comunicar ao outro uma experiência emocional. Encontrando-se na base da formação de símbolos e da comunicação intersubjectiva, vai determinar a relação de empatia com o objecto, possibilitando ao indivíduo colocar-se subjectivamente no lugar do outro e assim, compreender melhor os sentimentos do outro (Vasconcelos, 2000). Tratando-se de um processo que desperta os primórdios da empatia, utilizado de forma excessiva pode levar à perda de identidade e perda de nitidez das fronteiras que delimitam o Eu e o Outro, o interno e o externo.

Ao realçar o duplo aspecto da identificação projectiva, i.e., o papel de quem deposita e de quem acolhe a projecção, Bion vai imbui-la na base da capacidade para pensar, enquanto motor de comunicação e transformação que gera pensamento e crescimento. Para o autor, a identificação projectiva situa-se na base da capacidade social de uma pessoa comunicar com outras (Bion, 1959). Assim, com Bion, a ênfase deixa de ser o seu carácter defensivo para se centrar no potencial de comunicação, base constitutiva da capacidade social do indivíduo.

É com base na intersubjectividade implícita no processo inter-relacional entre quem

projecta e quem recebe a projecção que Ogden (1994; 2004) elabora sobre o conceito de identificação projectiva postulando que, apesar das subjectividades do bebé e da mãe existirem enquanto entidades físicas e psicológicas separadas, coexistem numa tensão dinâmica entre as suas subjectividades.

O autor introduz a ideia de uma terceira subjectividade presente na relação, a terceira intersubjectividade, como resultado de uma dialéctica única que (re)cria as subjectividades iniciais de cada um dos intervenientes, i.e., a co-criação de um terceiro inconsciente dentro do qual as subjectividades individuais estão envolvidas (op. cit.).

Na identificação projectiva opera-se um colapso parcial resultante do movimento dialéctico da subjectividade e intersubjectividade individuais, culminando na criação de um terceiro analítico subjugado, dentro do qual as subjectividades individuais estão envolvidas. Nesta óptica, a identificação projectiva é entendida como um processo mútuo na criação, negação e preservação da dialéctica dos indivíduos, com cada um dos participantes a deixar-se ser subjugado pelo outro, i.e., por intermédio do outro, e sendo a negação uma forma de se negar, através do outro, tornar-se um terceiro sujeito. Para Ogden (1994), o grau de patologia associada à experiência de identificação projectiva não se mede pelo grau de coercividade envolto na fantasia inconsciente de subjugação, mas sim da incapacidade dos participantes em se libertarem um ao, e do, outro, da subjugação por um terceiro, dado através do vínculo com este terceiro que os pensamentos podem ser pensados, os sentimentos sentidos e as sensações experienciadas.

Destacando o objecto externo que passa a ter relações de intimidade, reciprocidade e enriquecimento mútuo com o objecto interno, na identificação projectiva são atribuídas qualidades psíquicas ao objecto externo possibilitando que se estabeleça um processo de comunicação, de relações de continente-conteúdo que, pela dialéctica entre opostos, se complementam numa dupla combinação de inter-relações entre desintegração e integração, sujeito e objecto, mundo interno e mundo externo (Marques, 1999).

Ao participarem na experiência da identificação projectiva, mesmo que involuntariamente, os seus intervenientes tentarão, inconscientemente, superar-se, negar-se a si mesmo e, ao fazê-lo, estão a abrir espaço para a criação de uma nova subjectividade, uma experiência de não-Eu que cada indivíduo isoladamente não poderia ter criado para si. De certa forma, a participação na identificação projectiva ocorre com o intuito da criação de um Eu no, e através do Outro, que não é totalmente um outro. Ao fazê-lo estão, inconscientemente, a permitir servir-se de veículo através do qual o Outro, que não é

totalmente um outro, se cria a si mesmo como sujeito (Ogden, 1994; 2004).

É a dialéctica intersubjectiva de reconhecer e ser-se reconhecido que serve de base à criação da subjectividade individual, com cada um dos elementos que participa na identificação projectiva a experienciar ambos os aspectos deste encontro intersubjectivo. É o negar e o ser-se negado através do acto de conhecimento da sua própria unicidade e individualidade separada deste Outro. Inconscientemente, anula-se uma parte da individualidade distinta para se poder ir para além dos limites da individualidade ao mesmo tempo que o próprio se subjuga para se libertar de si (op. cit.).

O desenvolvimento da subjectividade requer experiências de formas particulares de intersubjectividade e como tal, captar um objecto na sua subjectividade é poder deixar que a própria subjectividade intervenha na sua função de conter e dar sentido (Marques, 1994). A identificação projectiva assim visa a recriação da relação intersubjectiva e das subjectividades individuais (Ogden, 1994), permitindo o entendimento da comunicação desenvolvida como uma ponte relacional entre as esferas inter e intrapsíquicas, geradora de pensamento (Martins, 2005).

2. OBJECTIVO DO ESTUDO

Após a exposição dos pressupostos teóricos apresentados na revisão de literatura, impõe-se a realização de uma reflexão sobre os mesmos, em articulação com a parte empírica por fim a clarificar o objectivo do presente estudo.

Com base nas concepções teóricas de Bion sobre a relação continente-conteúdo, a função α e a *rêverie* no desenvolvimento de um aparelho de pensar, possibilitando um novo início com a integração do antigo transformado e (re)significado, destaca-se a importância da intersubjectividade enquanto potenciadora de novas criações, representações e significados.

A partir de um referencial teórico específico, os objectivos do presente estudo assentam no estudo da dialéctica intersubjectiva, recrutando o método Rorschach, sustentado pelo referencial psicanalítico, enquanto instrumento mediador do intersubjectivo para, numa dinâmica relacional de aplicação conjunta mãe adoptiva e filha adoptada, aceder e avaliar a qualidade do encontro entre as suas subjectividades.

Considerando a forma como a intersubjectividade e os processos que nela decorrem, reflectem-se na subjectividade dos indivíduos, no seu crescimento, como o fundamento desta se constitui na primeira (Ogden, 1994; 2004) e como a situação Rorschach reflecte um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade dos objectos interno e externo, num trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinado pela relação (Marques, 1999), num espaço intersubjectivo de relação, simbolização, transformação e (re)criação onde infinitos processos de comunicação simbólica ocorrem, a análise e reflexão incidirá no diálogo e comunicação simbólica entre mãe e filha, na forma como os símbolos criados por uma, ecoam e interferem na criação do novo símbolo da outra.

Dado ser na relação precoce que, através da capacidade de *rêverie* e num modelo de relação continente-conteúdo, operando através da identificação projectiva que se moldam as possibilidades de diferenciação e de subjectivação e assim, uma identidade e alteridade na relação com o outro, promovendo o conhecimento e a expansão mental (Bion, 1959), poder-se-á considerar que dificuldades na simbolização, no processo de pensar e no desenvolvimento são decorrentes da inexistência de um continente apropriado, comprometendo a internalização da função α .

Porque o contacto com a mancha de tinta Rorschach mobiliza, por intermédio da função α , processos de tolerância à frustração, à ausência e ao desconhecido (Marques, 1999),

os símbolos criados pela díade revelam todo um trabalho de ligação interno-externo, refletindo as relações de objecto e, conseqüentemente as subjectividades de mãe e filha.

Como tal, no presente estudo, o encontro intersubjectivo será tido como um processo dialéctico criativo que se manifesta, através da acção da identificação projectiva, num movimento interactivo entre o mundo interno e o mundo externo, entre a fantasia e a realidade, mediado pela relação continente-conteúdo e a internalização da função α . Alicerçado num referencial Bioniano e na emergência de processos psíquicos de reparação no Rorschach, o encontro intersubjectivo mãe-filha será considerado numa lógica de oscilação dinâmica continente-conteúdo, entre movimentos progredinetes e regredientes, entre transformação, (re)significação e (re)criação.

Fruto de um encontro intersubjectivo de uma aplicação conjunta do Rorschach, as respostas Rorschach serão analisadas de modo a compreender como os processos de subjectivação e dispersão/integração de subjectividades se interligam, qual a natureza do continente que opera a simbolização e a (re)significação, qual a qualidade da internalização da função α , bem como de que forma como se relacionam as subjectividades de mãe e filha.

Para que tal fosse possível, foram elaborados, com base na técnica, procedimentos de análise específicos que dão conta, não só da plasticidade do método Rorschach, mas também possibilitam o acesso aos processos psíquicos da díade de modo a apreender e compreender as dimensões da realidade psíquica em estudo, de como se processa a transformação, (re)criação e (re)significação na dialéctica intersubjectiva.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de Estudo

De acordo com Marques (1999), a essência de um ser ou fenómeno (...) está no mais insignificante, no esquecido ou no escondido, no transitório e mutável, e aceder a esse domínio impõe o recurso a modelos que usam a significação e o sentido, e que também se fundam na consensualidade, comunicação, construção e transformação. Para fazer face ao seu objecto de estudo, o sujeito psicológico, a psicologia clínica necessita definir e estabilizar as concepções e modelos que deverão determinar os métodos para aceder a esse mesmo objecto, singular e único, na sua complexidade e totalidade porque, aceder ao sujeito psicológico impõe uma atitude numa lógica de aproximação à individuação, à singularidade e à complexidade do individuo, devendo fazer intervir uma atitude que obriga e impõe conferir sentido, dar um outro sentido num processo determinado intersubjectivamente.

É na metodologia qualitativa que se encontra a produção de conhecimento, a criação de teoria sobre a realidade da subjectividade humana, constituindo-se como um processo irregular e diferenciado que se propõe esclarecer e dar a conhecer os complexos processos da constituição da subjectividade, no qual o objecto de estudo se revela e expressa toda a sua unicidade e complexidade, através de uma lógica indutiva de atribuição de sentidos por via da interpretação (Rey, 2002). Assim, compreendendo o conhecimento como um processo dialógico e de implicação subjectiva mútua, ao considerar que cada ser possui uma essência própria e singular que se expressa e revela em função dos diversos contextos e relações, os métodos qualitativos assentam na (inter)subjectividade como objecto de pesquisa psicológica, numa dialéctica de comunicação, autenticidade, compreensão e procura de significados e interpretação (Marques, 1999).

Enfatizando a singularidade como fonte de produção de conhecimento e a implicação subjectiva entre o objecto de estudo e do investigador, a metodologia qualitativa assenta em três princípios fundamentais: o conhecimento resultante de um processo de construção interpretativo de atribuição de sentido à expressão do objecto de estudo, no qual o investigador integra, reconstrói e apresenta os diversos indicadores obtidos no decurso da investigação; o processo de construção ser relacional, dado que a relação investigador-objecto de estudo ser a condição para o desenvolvimento da investigação; e a significação da singularidade ser o nível legítimo da produção do conhecimento visto existir um resgate do

individual, do singular, da significação do subjectivo (Rey, 2002). Neste tipo de estudo, os instrumentos são concebidos como facilitadores da expressão do objecto de estudo da psicologia clínica e toda a sua singularidade e complexidade e, como teorias materializadas, servindo concepções claramente definidas e assentes num corpo teórico coerente e convergente (Marques, 1999).

Ao inscrever o presente trabalho de investigação no paradigma psicanalítico, está a considerar-se que cada individuo é possuidor de uma essência única e singular, em que a expressão das formas e conteúdos encontram-se dependentes de uma lógica interna que subordina e gere as trocas, a comunicação, as mudanças e as transformações com o exterior. E é através da metodologia projectiva que a psicologia clinica encontra as melhores formas de aproximação, articulação, integração e coerência entre as concepções teóricas e os métodos de abordagem, descrição e compreensão do seu objecto de estudo (Marques, 1999).

Enquanto metodologia de investigação do presente estudo recorreu-se ao estudo de caso que, por respeitar os princípios da totalidade e da singularidade, permitindo a aproximação à individualidade, à singularidade e à complexidade do sujeito psicológico, ajudando a compreender o seu funcionamento em determinados contextos (Pediñelli & Fernandez, 2008) e o acesso à sua expressão e à forma como estes (re)criam.

Dos diversos instrumentos utilizados na psicologia clínica, o Rorschach ocupa um lugar de destaque, respeitado pela sua importância e valor. Sendo um dos instrumentos mais estudados em psicologia, desempenha, através dos seus elementos de análise, o papel de mediatizar, condensar e simplificar o trabalho de construção das vias de conhecimento sobre o individuo. Revelador do espaço psíquico do individuo, revela os processos que ocorrem no sujeito e nas relações que ele estabelece com os objectos, podendo apreciar-se o nível a que um sujeito acedeu, bem como às possibilidades que expressa em criar, recriando novos objectos (Marques, 1999). Dotado de qualidades perceptivas que impõem um trabalho psíquico específico, induzindo a uma situação disruptiva de caos psicológico carregado de conflitos e de paradoxos, o Rorschach poderá ser considerado como uma situação psicológica total, mobilizadora de angústias e conseqüentemente de defesas, como um instrumento auxiliar para aceder ao conhecimento do ser, conhecimento esse inserido num espaço e tempo específicos (Marques, 1999).

3.2. O Método Rorschach

O primeiro teste de manchas é apresentado em 1895, na revista *Année Psychologique*, por Binet e Henri, tratando-se de um teste de manchas para explorar a imaginação (Pires, 1987). Contudo, a interpretação das manchas Rorschach não é o resultado da imaginação dos sujeitos, mas sim da sua percepção e apercepção, conforme refere H. Rorschach no prefácio da sua obra *Psychodiagnostics* (Rorschach, 1951). Criado em 1920 por Hermann Rorschach, é só no ano seguinte que o Rorschach surge como instrumento de diagnóstico psicológico inserido numa lógica de diferenciação entre o normal e o patológico.

Instrumento de e para avaliação psicológica, o Rorschach permite o acesso à expressão e revelação das modalidades de funcionamento mental dos sujeitos (Marques, 1999). Apelando a uma actividade perceptiva visual, o Rorschach é composto por dez cartões com manchas de tinta, coloridas e a preto e branco, ambíguas quanto ao seu significado mas cujas características precisas do ponto de vista perceptivo reenviam sobretudo para as dimensões internas, subjectivas e interpretativas do sujeito, abrindo os sentidos a um apelo simbólico específico e plural (Marques, 1998, in Chabert, 2003).

Tendo sido concebido como uma prova de percepção, em *Psychodiagnostics*, H. Rorschach introduz a sua concepção de percepção, como sendo uma assimilação associativa dos engramas disponíveis, i.e., de imagens-recordações, a complexos de sensações recentes. Num processo que combina sensação, memória e actividade associativa, a interpretação das formas fortuitas aparece como um percepção na qual o trabalho de assimilação do complexo de sensações e do engrama é tão grande que é percebido interiormente como um trabalho de assimilação. É a realização intrapsíquica, na qual se verifica uma equivalência imperfeita entre o complexo de sensações e o engrama que, dá à percepção o carácter de uma interpretação (Rorschach, 1921, cit. por Marques, 1999), permitindo revelar mais do sujeito que percepção do que do objecto que é percebido. É na sequência desta concepção de percepção como interpretação que surgem diversas teses que procuram dar conta dos processos emergentes da resposta Rorschach, organizando-se sob a égide do conceito de projecção, i.e., da participação do singular e do subjectivo no processo-resposta (Marques, 1999).

De entre os autores que contribuíram para a compreensão do método Rorschach, o primeiro a estabelecer uma ponte entre a psicanálise e as técnicas projectivas foi Rapaport,

entre 1942 e 1952, ao desenvolver uma teoria analítica do pensamento como forma de explicar o processo entre o estímulo projectivo e a resposta do sujeito. O autor revê o conceito psicanalítico de projecção, considerando que a projecção tanto pode ser um mecanismo de defesa, como um processo de exteriorização e faz a diferenciação de dois tipos de processos cognitivos, os instrumentos fixos do pensamento e os processos de pensar, à semelhança do que Bion viria a propor na sua teoria do pensamento (Pires, 1987). Para Rapaport e colaboradores (1946, cit. por Marques, 1999), através dos aspectos formais da prova é possível aceder ao como e aos processos do pensamento, que reflectem o desenvolvimento da organização da personalidade. Assim, o pensamento serve de ponte entre as respostas do teste e a estrutura psíquica do sujeito, reflectindo esta última.

Posteriormente Schafer introduz a ideia que a situação Rorschach mobiliza e se submete a lógicas relacionais aliadas à transferência e à contra-transferência, como uma relação dinâmica, interpessoal, interactiva e complexa, com dados reais e fantasmáticos, produzindo movimentos que vão da fantasia à realidade. Para Schafer, uma resposta Rorschach resulta de um *continuum* que vai da imagética autística, e similar aos sonhos, à percepção orientada para a realidade, ligando o sujeito à realidade do estímulo, numa regressão específica, temporária e parcial das funções egóicas, possibilitando a emergência de material inconsciente e pré-consciente, permitindo o acesso aos diversos níveis de funcionamento e aos movimentos adaptativos do sujeito (Marques, 1999).

Relevante foi também o contributo de Rausch de Traubenberg ao postular o enquadramento do Rorschach num racional psicanalítico como um espaço de interacções entre a actividade perceptiva e actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna da vivência (1983, cit. por Marques, 1999), explicitado e subordinado a um jogo de transferências da percepção com a projecção, do percebido com a vivência, consignado pela formula percebido-vivencia-fantasma (Marques, 1998, in Chabert, 2003), onde o processo das respostas Rorschach permite o acesso à realidade interna do objecto vivenciado através da transformação realizada na realidades externa revelando a capacidade de diferenciação entre si e o Outro através do reconhecimento da sua unidade e dos seus limites (Rausch de Traubenberg, 1983)

Aprofundando os referenciais psicanalíticos, sublinhando a importância da transferência e da contratransferência, o trabalho de Chabert realça o jogo entre as representações e os afectos através do qual se desvenda o que de mais profundo constitui a essência do individuo nas possibilidades que apresenta, ou não, de ligação a si e ao mundo

real e relacional, permitindo o acesso às qualidades e à natureza do funcionamento mental (Marques, 1998, in Chabert, 2003).

Dotado de qualidades específicas, psíquicas, que mobilizam no sujeito uma acção e reacção num espaço-tempo situacional e relacional específico, cujo primeiro apelo realizado na situação Rorschach - situação catastrófica, é da ordem relacional no que é explicitado através das noções de transferência e contratransferência. Num segundo momento, as formas e os objectivos da aplicação são estabelecidos a partir do duplo apelo que neles estão implícitos, nomeadamente o apelo ao real, à percepção e o apelo ao imaginário, à interpretação, à projecção. Por fim, as dimensões estruturais e sensoriais e as dimensões ligadas ao carácter aberto ou fechado, compacto ou bilateral das manchas podem ser analisadas através das dimensões Rorschach designadas por investimento, representação e imagem de investimento, representação e imagem do outro, do real e das relações (Marques, 1999).

O recurso às referências e modelos psicanalíticas impuseram a concepção que o Rorschach é uma experiência vivencial e relacional, na qual se encontram envolvidos dois indivíduos num espaço interpessoal e de relação, mediado pelo material perceptivo onde um tem como tarefa interpretar as manchas de tinta e outro que interpreta as interpretações disponibilizadas. O Rorschach é, sobretudo, um instrumento que expressa e revela o espaço da mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro. A resposta Rorschach emerge no seio de um contexto específico, preciso e determinado, mediado por duas intersubjectividades (Marques & Aleixo, 1994). Assim, a situação Rorschach é concebida assim como um encontro entre duas subjectividades que juntas constituem uma intersubjectividade, onde se inscrevem os movimentos e os processos que ocorrem neste espaço-tempo situacional e relacional específico que serão apropriados a partir das concepções que dão conta da relação-ligação-transformação (Marques, 1999).

Na situação Rorschach, as manchas apresentadas constituem uma impressão sensorial a organizar e a partir da qual surge uma resposta que é comunicada sob a forma de palavras e que revelam o pensamento. A transformação operada é uma transformação projectiva, que ocorre por projecção, clivagem e identificação projectiva, impondo-se de seguida que o sujeito formule as respostas, revelando a transformação dos pensamentos em palavras. Ao ser confrontado com o pedido de interpretação de um teste projectivo, o indivíduo (examinando) é envolto de um sentimento de caos psíquico e mudança catastrófica que o leva mobilizar

mecanismos de tolerância à frustração, a clivar e a projectar uma parte do ego para e no exterior. O outro, receptor das partes do ego projectadas, acolhe e contém a projecção numa relação de ♀ - ♂, e através da capacidade de *rêverie* e da função α , devolve-a transformada, dando-se início a um processo de formação de símbolos e de pensamento, culminando com a criação de novos objectos e novas verdades. Este constitui-se como um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores, apenas passível de acontecer aquando da existência de uma relação com um objecto externo dotado de profundidade capaz de conter a projecção que possibilita a actividade de pensar do sujeito (Marques, 1994).

Considerada como possuidora de uma significação própria, a resposta Rorschach é o resultado de uma interferência entre o processo perceptivo-cognitivo e o fantasmático, em que o quadro perceptivo onde se moldam as respostas, condensa as dimensões vivência, problemática e fantasmática, i.e., real e imaginário (Marques, 199, in Rausch de Traubenber & Boizou, 1999).

Enquadrando o processo de resposta como um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinado pela relação, a intersubjectividade, a resposta Rorschach designa um novo objecto que surge para restaurar o caos. Este novo objecto nasce da confrontação entre objecto interno e externo e impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido. Assim, através do trabalho mental envolvido na situação projectiva é revelada a natureza dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos e a natureza dos processos de união, de integração e de recriação de uns por outros, da natureza do sujeito, do Eu e da sua relação de e com o objecto. Esta formulação estabelece a ligação entre quatro organizadores no processo-resposta Rorschach, nomeadamente a relação, a comunicação, a interpretação e a simbolização, sustentados e enriquecidos por processos de ligação, transformação e criação (Marques, 1999).

A relação na medida em que sempre que um individuo se encontra perante uma tarefa com elementos desconhecidos, como é o caso da situação Rorschach, impõe-se uma mudança psíquica cujo propósito é o restaurar o equilíbrio por via da criação de novos significados, fundados e inscritos na intersubjectividade e nas novas relações de ♀ - ♂; enquanto resultado de uma comunicação entre as várias partes do individuo e a comunicação entre o individuo e a situação projectiva, a comunicação, ocorrendo através da reunião e da conciliação, possibilita a transformação e pela relação continente-conteúdo, à recriação de objectos; a interpretação, ao explicitar a natureza do processo-resposta Rorschach enquanto processo que

mobiliza a mecanismos mentais como a projecção e identificação projectiva, permite o entendimento do processo de criação de sentido e significado dado a uma mancha, através das passagens que vão desde a dispersão à integração, da falha ao símbolo, da falta de ligação à ligação e da transformação à criação e simbolização. E porque a situação Rorschach impõe a formação de símbolos e são estes que são objecto de interpretação, a simbolização possibilita a apreensão das passagens que operam entre as diversas partes do Eu, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e objecto, permitindo assim aceder aos processos mentais envolvidos na criação de novos objectos (op. cit.).

Considerando as perspectivas de Bion que (1967/1983, cit. por Marques, 1999), o que permite a construção de pensamentos oníricos e a sua transformação em linguagem é a função α e que a mente actua em movimentos que vão da desordem para a ordem, da dispersão para a integração. Perante a experiência de caos, como é a situação Rorschach, e via a identificação projectiva que leva a que a parte projectada seja modificada pela acção continente, fundada na capacidade de *rêverie*, inauguram-se novas relações continente-conteúdo e o individuo fica apto a transformar a experiência em elementos α , elementos insaturados e abertos à realização e transformação. Através desta passagem da desordem para o pensamento, o símbolo é criado.

Neste sentido, através da resposta Rorschach é possível aceder às características da realidade psíquica do individuo, às relações que estabelece com os objectos e do impacto e ressonância que estes têm sobre si, bem como ao seu trabalho de ligação, transformação e criação aquando da criação de novos objectos.

Atendendo ao facto de no presente estudo de investigação se pretender aceder os processos de ligação, transformação e (re)criação na díade mãe-filha, a aplicação do Rorschach ocorrerá conjuntamente, num único momento, tal como desenvolvido por Willi (1978, cit. por Fonseca, 2012), com o intuito de aceder a estilos de comunicação e às suas transformações, decorrentes das alterações emocionais dentro dos grupos, casais e família.

3.3. Participantes

A Joana é uma menina de dez anos, bonita e simpática apesar do olhar triste. Com um desenvolvimento estatuo-ponderal adequado à sua idade cronológica, apresenta uma postura tímida e inibida. Também o seu discurso é pautado por alguma inibição, utilizando um tom de voz muito baixo. Apresentando capacidades de expressão através de um discurso

organizado e adequado às situações, adere ao diálogo, apesar de não o fazer de forma espontânea.

Adoptada pela Maria e seu marido aos 5 anos e meio, mãe e filha vivem sozinhas há nove meses, altura em que o marido faleceu de doença oncológica.

Realizando pequenas demonstrações de afecto para com a filha, Maria, com 40 anos, apresenta-se com um ar cuidado. Falando de forma pausada e controlada, a Maria toma a posição de dianteira na relação com a filha.

3.4. Procedimentos de Análise

Tendo em conta o objectivo proposto, procurou-se integrar as ideias expostas na revisão de literatura realizada sobre a natureza do continente em que se opera a significação e a simbolização, a qualidade da internalização da função α , a *rêverie* e o encontro das subjectividades de uma filha adoptada tardiamente e a sua mãe adoptiva, de modo a aceder à dinâmica intersubjectiva que as caracteriza.

Pretendeu-se evidenciar o que neste encontro intersubjectivo é de uma, é da outra ou é de ambas, como o espaço intersubjectivo criado possibilita a subjectividade reciproca, potenciando a (re)criação. Assim, e de modo a compreender os processos de (re)construção simbólica decorrentes das relações com os objectos internos e externos, da relação continente-conteúdo, da função α e da *rêverie*, foram elaborados procedimentos de análise para a leitura e interpretação das narrativas Rorschach realizadas pela díade.

A análise das respostas Rorschach será efectuada tendo por base, não só os referenciais teóricos da escola francesa (Chabert, 2003) mas também procedimentos criados a partir da literatura sobre as modalidades de interacção mãe-filha, suas subjectividades e intersubjectividade, evidenciando a plasticidade do método Rorschach. Os procedimentos usados para realizar a análise compreensiva incluem não só os elementos de cotação das respostas, modos de apreensão, determinantes e conteúdos, os elementos dos psicogramas, individual e conjunto, as relações intra e inter-cartão mas também, a análise das modalidades de relação entre mãe e filha, dos movimentos progredientes e regredientes contidos nas narrativas, a relação entre as respostas apresentadas, originais ou condicionadas pela projecção da outra, o sentido das narrativas, quando assentam em movimentos divergentes e opostos, quando convergem para um mesmo símbolo e quando se verificam tentativas de completar e conferir sentido ao símbolo da outra.

Tendo em conta os conceitos teóricos que pautam este estudo, e que se esperam encontrar a nível empírico, partir-se-á primeiramente pela análise cartão-a-cartão, seguida da análise conjunta das narrativas numa lógica de relação intersubjectiva mãe-filha, assinalando a interferência e incidência dos símbolos por ambas criados, de modo a se apurar as características do espaço psíquico da filha e da mãe – se separado, delimitado ou fusional, se coeso e inteiro, se delimitado e a natureza dos processos identificatórios. Pretende-se ainda verificar as características da relação continente-conteúdo, das qualidades do continente, se capaz de delimitar, conter e transformar o conteúdo de forma harmoniosa de modo a este poder ser simbolizado, e as consequentes possibilidades do trabalho de ligação, transformação e (re)criação através da internalização da função α .

Seguidamente serão explicitados de forma mais detalhada os procedimentos de análise e as características específicas dos factores a partir dos quais será feita a sua análise.

Para dar conta do espaço psíquico de ambas as participantes, da sua identidade, representação da imagem de si e da relação, será realizada a análise intra e inter-cartão, tendo em conta o nível de significação simbólica de cada cartão, com incidência na representação de si e das relações, e do valor interpretativo consignado nos factores de cotação, i.e., através da identificação da tonalidade emocional, da solicitação simbólica do material, da relação entre os modos de apreensão, determinantes e conteúdos associados e da identificação de movimentos progredientes ou regredientes.

Testemunho do estabelecimento de um Eu estável e delimitado do mundo externo, é a presença nos cartões compactos (I, IV, V e VI) de apreensões globais associadas a uma boa forma, ou cinestesia de boa qualidade formal, com contornos bem delimitados. A presença de respostas de boa qualidade formal localizadas em G, D ou Dd nos demais cartões também revelam a capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo, que desempenha o papel da barreira de contacto que permite a distinção e a diferenciação entre o indivíduo e o seu meio envolvente, entre eu-outro, interno-externo, realidade-fantasia (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Sobre a identidade, será ainda considerada a presença de conteúdos humanos que, quando associados a determinantes formais positivos apontam para a capacidade em reconhecer a identidade subjectiva (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009) e, nos cartões II, III e VII, cartões bilaterais e relacionais, a presença de símbolos que remetam para relações entre duas figuras humanas ou animais, claramente diferenciadas uma da outra e do meio envolvente, numa relação de troca onde é possível a livre expressão do conflito e dos afectos, dando conta da relação do objecto total.

A presença de conteúdos humanos reais associados a grandes cinestésias dão conta dos processos identificatórios e uma representação integrada de si e do outro, numa lógica de tolerância à frustração, ausência e separação na dimensão relacional (Chabert, 2003) e através da análise das respostas de conteúdo banal e de conteúdo animal será possível avaliar o nível de diferenciação dentro-fora e a capacidade de contenção de manter a dialéctica entre unidade e separação (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009).

Dando conta da plasticidade do método Rorschach, as modalidades da relação serão avaliadas a partir da relação continente-conteúdo e da qualidade do continente, onde a presença de respostas de apreensão global de boa qualidade formal e de apreensões de detalhes aliadas a uma boa qualidade formal testemunham a delimitação e integridade de um continente capaz de conter e transformar os conteúdos sem perder o controlo das percepções (Chabert, 2003), bem como a presença de conteúdos humanos de boa qualidade, respostas kan de boa qualidade formal ou de esbatimento de perspectiva. Dando conta do carácter instável ou precário do continente psíquico e das dificuldades em conter e elaborar os afectos, são as respostas Rorschach associadas a determinantes vagos – F_{\pm} , CF, EF e ClobF (Gavancha & Marques, 2009), bem como a presença de G simples resultantes de uma abordagem superficial, indiciando a incapacidade de uma abordagem criativa (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Os determinantes $F\%$ e $F+\%$ dentro dos valores normativos atestam a permeabilidade do funcionamento mental, na presença de um continente com barreiras flexíveis, enquanto através da sensibilidade ao conteúdo latente do cartão é possível assistir à mentalização e integração da experiência no funcionamento psíquico (op. cit.).

Reflectindo um processo de contenção realizado pela união de uma pré-concepção e uma impressão sensorial que conduz à criação de uma concepção, pela apreensão de um novo conceito novo e, como tal, participando na contenção, nomeação, simbolização e significação dos elementos β , elementos tóxicos e intoleráveis, em elementos α , elementos passíveis de serem sonhados e pensados (Bion, 1962-91), os movimentos progredientes e/ou regredientes serão analisados através da função α , testemunhada pela presença de respostas globais ou em grande detalhe, associadas a determinantes de boa qualidade formal dão conta de um continente estável (Chabert, 2003), e pela sequência dos modos de apreensão, iniciando em de G, passando para D e depois para uma análise cada vez mais detalhada, Dd, revelando uma atitude de exploração, de procura e de conhecimento do outro e da relação intersubjectiva. A evolução *da coisa em si* para um símbolo mais elaborado e com significação psíquica é um indicativo da capacidade de exploração do imaginário, a

possibilidade de imergir num espaço psíquico em busca de simbolização (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

A internalização da função α será ainda aferida pela ausência de recusas ou choques, evidenciando assim a capacidade de passar de um estado caótico e desorganizado para um organizado e com significação. A presença de recusas e perseveração ao longo de vários cartões indicia o bloqueio do processo associativo, dando conta da impossibilidade de transformação da experiência emocional em símbolos com significado psíquico. As falhas na internalização da função α serão avaliadas pelos tempos de latência, considerando que tempos de latência reduzidos apontam para o evacuar de elementos tóxicos não transformados devido ao seu carácter intolerável (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Reflectindo a capacidade de sonhar o Outro, um tipo especial de sensibilidade ao outro, a *rêverie* é a capacidade de permanecer numa atitude que permite receber, acolher, descodificar, significar, nomear as angústias do outro e só as devolver quando devidamente desintoxicadas (Zimmerman, 1995). Estado de receptividade e ressonância emocional que permite à mãe acolher quaisquer objectos do seu objecto amado (Bion, 1962, cit. por Brown, 2012), a capacidade de *rêverie* será analisada através do estudo dos movimentos de contenção da mãe, i.e., qual a reacção materna às projecções da filha, se as acolhe, dispensa ou rejeita e pelo tipo e qualidade das transformações operadas nos símbolos criados pela Joana.

É a presença de apreensões de Dd's dentro dos valores referenciais, de D's associados a conteúdos de boa qualidade que dão conta da possibilidade de (re)criação das subjectividades e, a presença de cinestésias animais e de objecto, reveladores da permeabilidade do arranjo do funcionamento mental possibilitando a troca e a comunicação intrapsíquica permitem aferir a existência de uma relação segura e investida com o Outro, numa verdadeira troca intersubjectiva (Soares & Marques, 2009).

A identificação projectiva permite o entendimento da comunicação desenvolvida como o resultado do estabelecimento de pontes relacionais, geradoras potenciais do pensamento, configurando um espaço comum de experiência diferentemente vividas pelas características únicas de cada um. (Martins, 2005). A delimitação das esperas intra e interpsíquicas, entre a realidade interna e a realidade externa, possibilita a criação de um espaço mental tridimensional de subjectividade propicio a novas ligações e interações, onde conteúdos internos e externos, de realidade e de fantasia se podem ligar e produzir novos conteúdos, dando conta da capacidade de ligar, transformar, criar e imaginar e, assim, aceder à representação, à subjectividade e à intersubjectividade (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Como tal, a presença de respostas de apreensão global de boa qualidade formal no cartões compactos (I, IV, V e VI), indicativo da representação do objecto total; a presença de algumas respostas Dd na presença de apreensões globais ou em grande detalhe, sugestivo de um pensamento original, um número suficiente de grandes cinestésias, poucos conteúdos banais, a variabilidade dos modos de apreensão, são indícios da flexibilidade e plasticidade mentais, dando conta da existência de um espaço mental onde é possível a criatividade, a interiorização e a mentalização (op. cit.).

O acesso à intersubjectividade resultante das modalidades de interacção mãe-filha será ainda salientado através da oscilação dinâmica das suas respostas, dos movimentos de aproximação e afastamento, numa alternância de conteúdos mais dispersos, fragmentados e inominados rumo a símbolos (re)construídos e (re)integrados, da originalidade das narrativas, i.e., se os símbolos produzidos são resultantes de uma identificação projectiva ou se condicionados ao símbolo anteriormente produzido pela outra, e à co-criação de símbolos.

3.5. Recolha do Protocolo Rorschach

Em encontro prévio agendado com Maria, foi-lhe explicitado em que consistia o presente estudo e, após sua anuência em participar, foi solicitado que assinasse o respectivo consentimento informado.

A recolha do protocolo Rorschach foi realizada num gabinete de psicologia, em Lisboa, às 8h00 do dia 17 de Abril de 2014, num único encontro a três, com a duração aproximada de 50 minutos. Iniciou-se com uma breve explicação sobre a passagem da prova projectiva, na qual seriam apresentados 10 cartões perante os se pretendia que fosse realizada a interpretação livre das imagens sem qualquer restrição, dado não haver respostas certas ou erradas.

A aplicação da prova decorreu conjuntamente, com a apresentação sequencial dos cartões pela ordem consignada, tendo mãe e filha se mostrado colaborantes apesar de uma ligeira contenção de ambas no início da prova mas que, com o decorrer da mesma, rapidamente foi ultrapassada. As respostas foram todas anotadas e gravadas, bem como registados todos os elementos considerados importantes, quer do ponto de vista do discurso quer da esfera da expressão emocional e afectiva.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Mãe e filha chegam ao local da aplicação da prova uns minutos antes da hora agendada. Enquanto aguardam que as encaminhe para o gabinete, Joana brinca com os puzzles que se encontram na sala de espera.

Quando entram para o gabinete onde decorrerá a aplicação, a Joana mantém o sorriso tímido que a caracteriza enquanto Maria revela um grande à-vontade, afirmando já ter participado em outros estudos de alunos finalistas em psicologia.

4.1. Análise cartão a cartão

Mãe e filha são convidadas a sentarem-se e dá-se início à aplicação da prova com a instrução formada de maneira indeterminada – Vou mostrar-vos dez cartões e vão-me dizer tudo o que eles vos fazem pensar (Chabert, 2003), incitando a participação de ambas.

Ligado ao desconhecido e susceptível de gerar alguma inquietude, dado os participantes não saberem ao certo o que irá acontecer de seguida, o cartão I, reenvia para as questões relativas ao Eu e à identidade e, a um nível menos evoluído, para a reactivação da relação com a mãe pré-genital nos seus aspectos positivos e/ou negativos, nas imagens de segurança ou ameaça.

Após um curto período de hesitação por ambas as participantes, possível indicador de algum desconforto, a Joana quebra o silêncio criando o primeiro símbolo com uma resposta em G, apreendendo a totalidade da mancha associada a um determinante formal de boa qualidade, sustentada pela banalidade “*um morcego*”. A resposta da Joana manifesta assim a capacidade de transformação da desordem num símbolo, dando conta de uma efectiva diferenciação Eu-Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, apontando para uma representação integrada de si em relação com um outro e de uma boa integração na realidade e no mundo. A apreensão global associada ao conteúdo banal é manifesta do baixo envolvimento e esforço de elaboração, remetendo para a ausência de ressonância emocional suportado por uma atitude passiva e socializada. A resposta em D “*uma mosca*” surge num segundo momento. Apesar da boa qualidade formal, a passagem de *morcego* para *mosca*, animal menos “sociável” e apreciado é sugestivo de um fechamento e movimento regressivo.

Também Maria dá conta de uma clara diferenciação Eu-Outro, da delimitação de uma representação identitária, do dentro e do fora, com a sua primeira resposta, uma apreensão

global simples com uma boa qualidade formal – “*um pássaro*”. A apreensão simples associada a um conteúdo banal revela também não ter havido por parte da mãe um grande esforço de elaboração, mas sim um conformismo perceptivo à solicitação do estímulo. A Maria apresenta ainda uma segunda narrativa elaborada a partir da apreensão global da mancha com uma boa qualidade formal “*dois corvos de costas um para o outro*”. Tratando-se de um cartão susceptível de reactivar a relação com a mãe pré-genital, a caracterização “*de costas um para o outro*” indicia a emergência das suas angustias, das suas próprias dificuldades relacionais com a imago materno sugestivas de fragilidades relacionais, com uma eventual construção da imagem de si menos segura e estável do que pretende revelar.

A interacção no decorrer da passagem do primeiro cartão evidencia algumas dificuldades relacionais entre mãe e filha. As identificações projectivas de cada uma das partes não encontraram continente no outro, não se assistindo nem a movimentos reparadores por parte da mãe nem à criação de um espaço de co-criação. O silêncio que se instala após a última resposta pode evocar os símbolos silenciados que não encontraram a função α que os significasse.

A Joana retoma a narrativa no cartão II, apresentando a resposta “*dois animais a darem um ‘5’*”. Apesar de não nomear a tipologia dos animais, o determinante formal é de boa qualidade sustentada por uma cinestesia animal, integrando a cor sem fazer qualquer referência à sua introdução. A apreensão global da mancha, com a integração do vermelho e a cinestesia animal são indicadores de uma boa integração das pulsões libidinais e agressivas, para as quais o cartão remete. A construção, a Joana manifesta, novamente, um baixo envolvimento na sua elaboração devido ao conteúdo banal apresentado, com a cinestesia animal associada envolta de um ambiente relacional favorável.

A interpretação da mancha que a Maria apresenta após a criação da sua filha é, também ela uma apreensão global de boa qualidade de formal, associada a uma cinestesia e de conteúdo banal “*dois elefantes a juntarem as trombas*”. Indiciando a integração das pulsões libidinais, a forma escolhida, “*elefantes*”, pode ser sugestiva do peso sentido pela Maria ao lidar com as pulsões agressivas.

Face às semelhanças de respostas entre ambas, a resposta da Maria poderá ser entendida como uma transformação do símbolo da filha, com a nomeação da forma indeterminada da filha “*dois animais*” por “*dois elefantes*”, mas com a perda da qualidade relacional positiva da cinestesia apresentada pela Joana. Apesar da resistência inicial da Joana em acolher este novo símbolo “*eu não tou a ver*”, acaba por o reconhecer e aceitar “*por*

acaso até parecem”.

Neste cartão, mãe e filha convergem tanto no que concerne à observação da simetria e representação da relação bilateral de dois iguais, como à introdução de cor neste cartão, baseando as suas criações na interpretação do preto, sugestivo da incapacidade de ambas em lidar com as pulsões agressivas.

Com o tempo de latência cada vez mais reduzido, é a Joana quem retoma novamente a dianteira na produção de símbolos no cartão III, que remete para a dimensão relacional face ao outro e para as questões de identidade e identificação. Apresentando duas respostas em G com a integração do vermelho, a primeira resposta da Joana, constituída por um conteúdo banal, *“Duas pessoas a segurarem uma coisa”*, revela o reconhecimento da sua própria identidade e a proximidade com a realidade objectiva contudo, a incapacidade de nomeação da relação leva a Joana a apresentar, imediatamente a seguir, um segundo símbolo, *“um sapo”*. Transformando as representações humanas numa figura animal e interpretando o branco da mancha, ela tenta preencher o vazio refugiando-se numa lógica infantilizada reveladora das suas fragilidades relacionais e identitárias.

Numa aparente falta de reconhecimento das fragilidades da filha, a Maria não é capaz de apresentar um resposta original, criando a sua em torno da primeira produção da filha, transformando-a e nomeando-a, *“Eu vejo duas pessoas sentadas num café com duas bebidas à frente”* que, apesar de se apresentar com limites bem definidos, revelando um Eu coeso e uma clara diferenciação Eu/Outro, é pautada por um vazio relacional.

Num movimento de aproximação à significação da mãe e ao reconhecimento da sua representação, a Joana faz uma tentativa de apreensão do símbolo criado pela Maria, inquirindo sobre o suporte *“Onde está a mesa?”*, obtendo a sua localização com uma resposta monossilábica e monocórdica *“aqui”*.

Fechando-se às novas projecções, a Maria pega no cartão, vira-o ao contrário. Após a observação deste, numa tentativa de reconhecimento e aproximação à filha, a Maria refere *“depois da Joana falar também vejo o sapo, o focinho do sapo e aqui os olhos”*, criando-se um espaço relacional entre ambas com a Joana a particularizar a sua criação, *“aqui as bochechas”* e *“o sapo Cocas”*, com a Maria a legitimar a lógica infantilizada da filha *“é isso mesmo”*.

No cartão VI, que evoca uma imagem de força e de autoridade, incitando ao confronto com uma imagem de potência que atesta a qualidade da representação de si, a resposta da Joana, realizada numa apreensão global da mancha, põe em evidência um conteúdo

ameaçador e terrível “*é um monstro*”, expresso directamente de forma angustiante com a sua fragmentação corporal “*tem aqui os pés, aqui a cabeça e aqui a cauda*”. Apercebendo-se da perturbação, e numa tentativa de minimizar o impacto que a mancha teve na filha, e até em si mesmo, a Maria faz uma apreensão global da mancha deixando transparecer os seus próprios medos “*para mim é a cara de um monstro*” apesar da sua tentativa de recalçamento através do mecanismo de defesa formação reactiva com a atribuição de um conteúdo reconfortante e acolhedor – “*mas não é um monstro assustador, é um monstro fofinho*”. Não conseguindo assimilar a projecção da mãe, a Joana questiona-a “*fofinho?*”, ao que Maria responde recorrendo à identificação de um detalhe raramente isolando, dando conta de um registo defensivo de estilo rígido “*sim, os olhos*”. Numa aparente aceitação da resposta da mãe “*pois parece*”, o desconforto continuado provocado pelo conteúdo latente do cartão leva a Joana a procurar a mudança, perguntando imediatamente se pode virar o cartão ao contrário.

O mal-estar sentido pela Joana à inversão do cartão, leva a que seja a Maria, pela primeira vez, a fazer a primeira evocação simbólica da mancha. Precedida de uma precaução verbal – “*assim parece um morcego*”, a boa qualidade formal, a apreensão global e o conteúdo animal de carácter banal (“... *um morcego*”) revelam o baixo envolvimento e esforço na nova elaboração, remetendo para a ausência de ressonância emocional, permitindo à Maria o distanciamento necessário para evitar o confronto com as angústias emergentes da nova “mancha”, reforçado pela perseveração da projecção no final da exploração do cartão “*assim é um morcego*”.

A inversão da mancha do cartão IV cria tal impacto na Joana que a leva a realizar uma apreensão global, a primeira de má qualidade formal – “*e também parece um pato*”, à qual Maria tenta dar forma – “*um bico*”. A procura de uma confirmação, de uma contenção do impacto sentido pela Joana. “*não parece?*” reveladora da sua fragilidade é destruída pela resposta da mãe “*tu é que sabes*”, assistindo-se um movimento regressivo da Joana, com a fuga ao conflito emergente – “*eu não vejo mais nada*”.

No cartão V, cujas solicitações reenviam para a representação de si, a unidade de si, fazendo apelo à significação e à reconstrução corporal face a um Outro, a Joana faz a apreensão global do percepto, contida pela delimitação formal adaptada, associado a um conteúdo animal banal, “*um morcego*”. O comentário subjectivo que a Maria faz à interpretação da filha – “*Pois é, acho que estamos aqui fixadas no morcego*”, leva a crer que o impacto provocado pelo cartão anterior, lembrado pela resposta da filha foi, de alguma forma, intenso e turbulento para a Maria ao ponto de não ser capaz de significar a nova

mancha.

Continuando a explorar o cartão, a Joana transforma a sua primeira representação, “*um morcego*”, um animal escuro e do escuro, da noite e da ausência, num animal com cor e da luz “*uma borboleta*”, que a sua mãe prontamente remete novamente para a escuridão, tirando-lhe a luz afirmando ser “*uma borboleta daquelas da noite, uma mariposa*”. Ambas as apreensões globais apresentam boa qualidade formal, com conteúdos animais banais, são indicadores de baixo envolvimento e esforço de elaboração da significação.

Dando por terminada a exploração, a Maria inverte o cartão e retoma a sua inspecção. Respondendo à solicitação latente de representação de si, a Maria realiza uma nova apreensão, desta vez em grande detalhe associado a um conteúdo animal parcial, “*assim parece a cabeça de um papa-formigas*”, revelando por um lado, a sua vontade de explorar a sua própria subjectividade, mas também o receio que de se poder perder nas partes inconciliáveis de si.

Não (re)conhecendo o novo símbolo criado pela mãe, a Joana solicita que o mesmo seja transformado “*eu nunca vi um papa-formigas*”. “*Já viste nos desenhos animados, têm assim um focinho*” responde a mãe numa linguagem compreendida pela filha, possibilitando-lhe a sua significação, “*do Hakuna Matata*”, responde a Joana, legitimando o novo símbolo.

Retomando perscrutação do percepto, a Maria apresenta novamente uma criação apreendida em grande detalhe e associada a um conteúdo animal parcial, “*Olha, se olharmos bem assim parece a cabeça de um crocodilo, com a boca meio aberta*”, revelando as suas fragilidades de representação de si, de unidade de si. O símbolo é reconhecido pela Joana, que o reveste com textura “*com pelos aqui*”, num movimento regressivo aos cuidados da primeira infância, às carícias maternas procurando um continente no sentido de colmatar as carências afectivas.

É a Joana quem inicia a significação do novo cartão, cujo conteúdo latente apela à representação corporal e sexual que dá suporte à identidade subjectiva, apresentando uma resposta de apreensão em grande detalhe de boa qualidade formal de conteúdo animal “*aqui parece um tigre*”. O impacto da mancha na Maria faz com apenas presente as suas narrativa após a inversão do cartão. Tendo em conta a solicitação deste, o símbolo da Maria apresenta-se como adaptativo, com a apreensão global do percepto a ser realizada com uma boa qualidade formal, associada a um conteúdo animal banal, “*assim parece a pele de um urso aberta*”, remetendo novamente para uma ausência de ressonância emocional, possibilitando-lhe o distanciamento necessário para evitar o confronto com as angústias emergentes.

Considerando o carácter compacto e bem delimitado do percepto, qualidades que favorecem o solicitar primordial da representação de si ao nível da construção corporal e identitária, as produções que a Joana apresenta de forma sequencial revelam as suas fragilidades e inseguranças, “*aqui parece uma foca, com um focinho aqui*”, “*aqui parece o nosso organismo*” e por fim “*e aqui aquela coisa que abre para a comida ir*”. Nesta sequência de interpretações assiste-se à crescente desorganização da Joana, iniciando a apreensão em grande detalhe mudando para uma de detalhe raramente isolado, com o conteúdo animal de características viscosas e escorregadias, (“*...foca...*”) a ser transposto para um conteúdo anatómico partilhando algumas características do conteúdo anteriormente apresentado, e os símbolos de má qualidade formal a serem transformado num de forma indeterminada, somente nomeada pela mãe – “*o esófago*”. O mal-estar provocado pela mancha na Maria é evidente pela apreensão de detalhe raramente isolado, pela má qualidade formal do símbolo, mas também pelas precauções verbais subsequentes à significação, “*... é? (...) acho que tens razão, parece*”.

O cartão VII que, pela sua estrutura aberta, oca, reactiva vivências precoces com a imago materna, evidenciando a sua importância no seio da relação mãe-filha, desorganiza a Joana provocando um equivalente choque. Recomposta do primeiro impacto da mancha, a Joana apresenta uma interpretação realizada numa apreensão global com um conteúdo humano de boa qualidade – “*duas pessoas assim... duas pessoas assim*”, não sendo capaz de nomear a relação entre ambas. Não fazendo caso da resposta da filha, a Maria apresenta a sua própria produção “*parecem dois meninos quase a dar um beijinho, como se fossem dois cupidos*”, numa apreensão global da mancha de boa qualidade formal associada a uma cinestesia humana, indicativo de sentimentos de vivência e segurança, apesar assexuados e envoltos em fantasia e idealização. De seguida, a Maria propõe que se vire o cartão.

A Joana retoma a investigação do percepto, partindo de uma apreensão global para em detalhe, de conteúdo humano para um objecto, para animal, “*parece uma senhora gorda, as pernas e os braços*”, “*aqui parece um saco de...*” e “*também parece uma raposa, aqui o focinho*”, dando conta das suas tentativas de organização após o impacto provocado pela mancha. Apesar dos esforços, as narrativas apresentadas revelam a presença de angústias relacionadas com a sua primeira relação, pesada e sufocante (“*...gorda...*”), desconhecida, vazia e incapaz de ser nomeada (“*...um saco de ...*”) e perigosa (“*...o focinho...*”).

Procurando nomear o inominável da filha, a Maria confronta-a com um novo símbolo “*um saco de batatas?*”. Não sendo o símbolo que procurava, a Joana insiste “*aquilo que tu*

disseste..”. Não desanimando por não ter conseguido, a mãe propõe nova significação “*ah, um saca rabos, aqueles que anda sempre colados às caudas uns dos outros*”, que ecoa na filha “*aqui um, aqui outro*”. Ao rodar o cartão 90°, a Maria realiza duas apreensões em grande detalhe, primeiro “*olha, se virarmos assim parece um cão, o cão do Tintin, e aqui outro*” seguida de “*dois cães com as patas viradas um para o outro a comerem qualquer coisa*”. Apesar da boa qualidade formal e do recurso ao conteúdo animal do mundo da fantasia, compreensível pela sua filha, a cinestesia animal “*a comerem qualquer coisa*” permite vislumbrar a emergência das angústias da Maria, pondo em causa a capacidade de pensar o seu relacional materno.

Na introdução do primeiro cartão com cores pastéis não se verificou um aumento do número de produções. Remetendo para os afectos mas também para a representação de uma imagem corporal num meio envolvente regressivo, a primeira significação do cartão VIII foi realizada pela Joana. numa apreensão global de boa qualidade formal associado a um conteúdo que abarca todas as cores do cartão “*parece um vestido...*”. Procurando refugiar-se na realidade perceptiva do cartão por modo a impedir a emergência do mundo fantasmático, a Joana nomeia o detalhe revelador da angústia de um corpo vivido como fragmentado “*a parte de cima, aquela parte assim e, também isto é uma parte acima e, isto é a saia e isto é uma blusa com T-shirt*”, necessitando de o cobrir com uma segunda pele, “*um vestido*”, conteúdo pouco contentor. Como defesa contra a relação, na produção seguinte da Joana assiste-se à restrição de uma parte da mancha, numa elaboração em grande detalhe de conteúdo animal banal, “*e aqui parece uma raposa*”. Acolhida a projecção da filha, a Maria introduz a dualidade da relação sem, no entanto, ser capaz de elaborar sobre o lado interactivo da relação “*sim, parecem dois animais aqui*”, dando conta das suas dificuldades em estabelecer contacto com o outro e o perigo que a relação com o outro acarreta “*dois felinos*”. Assegurando o reconhecimento do símbolo criado, do perigo que este representa, mãe e filha pormenorizam as suas partes “*sim, olha as patas*”, “*as patas, a cauda e a cabeça*”.

A inversão do cartão revela em como é difícil para a Joana nomear as emoções “*aqui parece aquelas coisas do oceano...*”, criando um novo símbolo em grande detalhe de má qualidade formal e, num movimento regressivo, apresenta a significação escolhendo para tal um animal das profundezas do meio aquático “*uma manta*”. Simbólico da vida intra-uterina, o símbolo produzido é sugestivo da escuridão do desconhecido que foi, e é, a sua primeira relação. Perante a incapacidade da sua mãe em conter os fantasmas projectados “*uma manta,*

pois parece”, a Joana devolve o cartão, dando por concluída a sua tarefa de análise “*Tá tudo*”.

A primeira reacção da Joana à mancha do cartão IX foi um equivalente choque, verificando-se o aumento do tempo de latência e o manusear do cartão, virando e revirando-o, como se procurasse combater a emergência dos fantasmas da primeira relação. Também o aumento significativo do número de produções apresentadas tanto pela filha como pela mãe ao cartão IX, que apela ao simbolismo materno, a movimentos regressivos e à expressão de vivências relacionais precoces, é indicativo do forte impacto emocional que a mancha surtiu em ambas.

Com produções realizadas através da cor, os pequenos detalhes de conteúdo anatómico, “*Aqui parece os nossos pulmões*” e “*aqui parece um coração*”, revelam uma fraca delimitação dentro-fora, ecoando as angústias de fragmentação da Joana associadas ao fantasma do nascimento. Fazendo jus aos seus próprios fantasmas, as criações da Maria são elaboradas com a integração do detalhe branco, primeiramente numa apreensão em grande detalhe com a simbolização de “*um útero*”, remetendo para origem da criação e depois, dando conta de um vivido doloroso, num movimento regressivo ao universo fantástico e infantil por forma a combater as angústias que a mancha suscita, numa apreensão global, “*...parece um daqueles monstros do Harry Potter com as narinas e uns olhos, a testa e aqui a boca. Aqueles seres que aparecem lá nos filmes*”.

Apesar dos esforços da Joana para combater as angústias de fragmentação que emergem neste cartão, apresentando uma reposta de conteúdo animal de boa qualidade numa apreensão global da mancha “*um gato*”, explicitando as suas partes “*o bigode, os olhos e as orelhas, e aqui o corpo*”, é notório a pouca eficácia dos seus mecanismos de defesa. A Joana prossegue com produções de conteúdos anatómicos de má qualidade formal e determinado pela cor, apreendidas no grande e no pequeno detalhe, respectivamente – “*parece também uns pulmões*” e “*uns corações*”, forças da vida apresentadas aos pares na busca da relação dual. Numa nova tentativa para combater o impacto que a mancha surte em si, a Joana elabora novo símbolo “*e também uma foca, a contar com isto*”, retomando as criações de conteúdo animal numa apreensão em pequeno detalhe de boa qualidade formal. Mostrando alguma dificuldade em identificar a nova criação “*uma foca?*”, a Maria acaba por a reconhecer “*ah sim, falta a bolinha para ela brincar*”, propiciando um momento de interacção mãe-filho para além da interpretação das manchas com a Joana a dizer “*nós podíamos ter uma foca*”. Não se sustentando com a resposta da mãe “*em casa?*”, ela continua,

“uma lontra”. “Uma lontra em casa? Só se for na banheira” responde a mãe sem conseguir parar as investidas da filha que se justifica com “o Ivo tem uma e gosta de tomar banho”. Dando o assunto por terminado, a Maria pega no cartão e diz “olha vamos virar ao contrário”.

Criando um novo símbolo “aqui”, é a atenção da mãe, “sim?” que desperta a Joana para a sua verbalização –“aqui parece uma menina com uns olhos, cabelo e um caqui”, seguida de “e aqui parece a Mafaldinha”. Mantendo uma apreensão global da mancha, ambas as narrativas denunciam as suas carências afectivas e fragilidades relacionais, com a interpretação de detalhe branco numa tentativa de preencher um vazio, a transformação de um conteúdo humano por uma figura do mundo do sonho e da fantasia. À pergunta “e o cabelo da Mafaldinha?”, a Joana aponta para as diferentes partes da mancha “o cabelo da Mafaldinha, as bochechas da Mafalda e um gancho”.

Após virar novamente o cartão, a Maria é impactada pela mancha ao ponto de não ser capaz de se controlar as suas emoções, apresentando um novo símbolo má qualidade formal baseando-o na interpretação de um grande detalhe da mancha – “aqui parece uma ave”, que, numa tentativa de reestabelecer a ordem e o controlo, reprime e o transforma num de boa qualidade formal “uma ave de rapina” para, de seguida, se assistir ao fracasso do seu mecanismo de defesa com o retorcer a um símbolo de má qualidade forma “e aqui parecem outras duas aves num poleiro”. Retida na má qualidade formal da primeira projecção da mãe, a Joana transforma-a e devolve-a organizada e nomeada –“não, não, um papagaio”, ecoando na Maria – “papagaios, é isso mesmo”.

Quebrando a sequência, a Joana vira o cartão e, retomando o universo da fantasia, apresenta nova significação de boa qualidade, apreendida na totalidade da mancha, “isto também parece um palhaço”. Por seu lado, e ainda influenciada pelo momento anterior, a criação da Maria, que surge da interpretação do detalhe branco associada a um conteúdo animal parcial de boa qualidade indiciando vivências persecutórias, “tem olhos de mocho”, influencia a simbolização da filha, remetendo-a para um universo assustador e perigoso “aqui parece um monstro”. Incapaz de renunciar às vivências persecutórias evocadas pela mãe, a simbolização da Joana – “os olhos de uma mosca”, revelam a sua capacidade de transformação do objecto de um animal que se esconde na noite, raramente visível, para um cuja presença, apesar de incomoda é passível de ser enfrentado e afugentado. Presa às suas vivências, incapaz de operar mudança significativa, a Maria mantém o seu registo inicial, “também parece uma coruja aqui, com uns olhos” e, por forma a evitar confrontar-se

novamente com o mal-estar provocado pela mancha, vira-a novamente o cartão. A produção apresentada pela Joana à nova disposição da mancha é, também ela, o retomar de um símbolo anteriormente evocado por si, mas desta vez em par, “*e aqui dois papagaios*”.

O cartão X, cartão com a maior dispersão de elementos, atesta as capacidades de unificação e integração que, num contexto regressivo, reenvia para fantasmas de separação e de fragmentação, possibilitando aceder ao funcionamento do indivíduo face à separação. Revelador do impacto da mancha na Joana é o elevado número de produções por si realizadas, quinze das vinte e uma narrativas apresentadas, sendo as primeiras seis da sua autoria.

Face à experiência emocional de desintegração, a Joana evidenciada dificuldade em unir os elementos, apresentando símbolos de má qualidade formal, criados ora em detalhe raramente isolado com a integração do branco, “*parecem dois olhos*”, ora em grande detalhe “*um nariz*”, “*um bigode*” e “*aqui parece um soutien*”, indiciando a emergência de angústias de fragmentação. As duas respostas seguintes são reveladoras do esforço da Joana para combater o impacto do cartão, apresentando apreensões de grande detalhe de boa qualidade formal associadas a conteúdos animais de carácter banal, “*aqui parece uma aranha*” e “*um caranguejo*”, remetendo para uma ausência de ressonância emocional, permitindo à Joana o distanciamento necessário para evitar o confronto com as angústias emergentes. A Maria apresenta novo símbolo, também ele do reino animal apreendido num grande detalhe e de boa qualidade formal “*cavalos marinhos*”, que a filha reconhece “*sim, cavalos marinhos*”, para de seguida fazer uma apreensão associada a um conteúdo anatómico de má qualidade formal “*uns pulmões*”. Novamente a produção da mãe é influenciada pela da filha, apresentando também ela um símbolo apreendido num grande detalhe da mancha, associado a um conteúdo anatómico de má qualidade formal – “*uma traqueia*”, pondo em evidência as fragilidades de unificação e integração.

Repetindo a sua resposta anterior, “*uns pulmões*”, é a Joana que vira o cartão ao contrário para, após a precaução verbal “*aqui parece um, um...*”, conseguir elaborar um símbolo apreendido de forma global associado a uma figura humana de boa qualidade formal “*um senhor, boca e barba*” e de seguida se desorganizar, dando conta da sua fragilidade com a emergência de fantasmas de separação e fragmentação, apresentando narrativas com a interpretação de detalhe branco associados a uma figura fantasiada “*um monstro*”, e apreendidas no grande detalhe, associadas a conteúdos animais de má qualidade formal “*uma centopeia*” e “*uma barata*”. Procurando uma reação da mãe face ao seu último símbolo, a

Joana olha para a mãe com um ar de desafio, que a Maria descarta “*E estás à espera que eu grite aqui?*”, para de seguida propor uma nova leitura da mancha ao realizar uma apreensão de grande detalhe associada a uma grande cinestesia “*aqui parece um astronauta no espaço*”, que desencadeia um novo movimento de aproximação entre as duas, despoletada pela filha “*onde?*”, “*aqui, com um capacete e um fato*”, “*e o que é isto aqui mãe? os braços? Sem contar com isto aqui*”. Satisfeita, as seguintes produções da Joana indiciam um movimento progrediente, através da transformação das narrativas com má qualidade formal em símbolos de boa qualidade, determinados pela cor “*aqui o sol*”, de conteúdo animal “*um peixe*”, “*um cavalo marinho*”. O último símbolo criado pela Joana, apesar de apresentar uma boa qualidade formal associado a uma cinestesia animal, esta remete para uma temática crua e devoradora “*uma barata a comer o peixe amarelo*”, dando conta das suas angústias de fragmentação. É notória a influência dos símbolos criados pela filha, nas produções da mãe. Se num primeiro momento transforma e nomeia as dificuldades da filha “*um peixe-balão*”, no momento seguinte é perceptível a perturbação da Maria com a elaboração de uma significação de má qualidade “*não, um insecto*” face à de boa qualidade apresentada pela filha “*uma barata*”. A última interpretação da mancha foi realizada pela Maria que apresenta um símbolo estrutural, imponente e de alicerces seguros, numa apreensão de boa qualidade em grande detalhe “*a torre Eiffel*”.

Na prova das escolhas, a Joana selecionou os cartões III e V como os preferidos devido à proximidade com o infantil e imaginário “*parece o sapo Cocas*” e pela proximidade do percepto à realidade “*parece um morcego e é fácil de identificar*”, respectivamente. Os cartões que a Joana menos gostou foram o IV e VI, alegando “*é difícil de adivinhar*” e “*não parece nada*”

Como cartões preferidos, a Maria escolheu os mesmos cartões que a filha, explicando a razão da sua selecção – “*este (cartão III) faz lembrar duas pessoas descontraidamente num café*” e “*aqui gosto do morcego com as asas abertas. Não precisa de ser assustador*” (cartão V). Quanto às manchas que menos apreciou, a Maria refere o cartão X porque “*tem muitos elementos e em vez de focar a atenção, dispersa*” e o cartão IV porque “*este é o oposto, tem uma mancha e é complicado de perceber*”.

4.2. Análise dos Psicogramas

Da aplicação conjunta do Rorschach podem ser extraídos três psicogramas, um resultante da aplicação conjunta propriamente dita, e dois decorrentes do isolamento das respostas individuais das participantes.

Na análise do psicograma conjunto destaca-se a produção de um total de setenta e oito respostas, tendo a sua maioria (49) sido apresentadas pela Joana, com a presença de dois equivalente choque nos cartões VII e IX. No que respeita aos modos de apreensão, completa e desarmónica, verifica-se o predomínio do recurso da pesquisa simbólica é realizado em D (51%) e em G (48%), indiciando incompletude, uma atitude defensiva com ausência de curiosidade face ao objecto externo. A presença de respostas de interpretação de detalhe branco é sugestivo de carências afectivas. Indiciando vivências persecutórias, os conteúdos dos três Dbl's presentes no protocolo conjunto são o resultado da interpretação de pormenores intermaculares do cartão IX ("*com uns olhos*", "*olhos de uma mosca*" e "*olhos de mocho*"), evocando uma problemática nas relações precoces com a imago materna.

No que respeita à qualidade formal, a elevada percentagem de F's (80%) em detrimento do baixo numero de respostas de boa qualidade formal (71%) revelam que, na aproximação à realidade, é privilegiado o pensamento racional e socializado, numa atitude objectiva com a realidade, apesar desta se apresentar como insatisfatória revelando assim falhas na inserção socializante do real. Os demais determinantes podem ser pensados através da análise do T.R.I. ($4K > 2\Sigma C$) e da Formula Complementar ($4\Sigma k > 0\Sigma E$) que se encontram em concordância.

A adaptação à realidade realizada predominantemente através do pensamento é característica da ressonância íntima do tipo introversivo, onde o apego ao mundo interno é sugestivo de problemas de socialização e a contemplação imaginária a prevalecer ao mundo exterior revela fragilidades de socialização, já anteriormente identificadas. As oito produções cinestésicas, divididas entre grandes cinestésias (4K) e cinestésias animais (4kan), encontram-se todas associadas a boas formas, dando conta do equilíbrio entre os mecanismos perceptivos e a expressão do imaginário contudo, o baixo número de respostas cor (4 FC) dá conta de representações envoltas de afecto minimizado. A Formula Complementar, revelando um funcionamento coartativo puro, vem reforçar as dificuldades na expressão do mundo interno, na expressão do mundo afectivo e emocional, assistindo-se assim ao controlo dos afectos a predominar ($FC > C + CF$) com a presença de respostas emocionais superficiais ou formais.

Na análise da reacção à introdução das cores pastel e, portanto, dos afectos, constata-se um valor acima do normativo no índice de Reactividade à Cor, indiciando a mobilização dos afectos, i.e., uma responsividade geral aos estímulos emocionais expressa de forma manifesta, ou não.

No que concerne aos conteúdos, predominam as representações de perceptos animais (56%) e humanas (21%). O elevado número representações animais pode ser sugestivo de uma atitude defensiva face ao estímulo, de uma defesa para evitar o contacto autêntico e a relação verdadeira. Indiciando uma socialização em superfície, um A% elevado associado à existência de D% e F+% abaixo dos valores normativos, são característicos de um baixa motivação e disponibilidade para o estabelecimento de relações em profundidade e para conhecer e dar-se a conhecer ao outro. Na análise do psicograma conjunto, há que realçar ainda a elevada quantidade de produções de anatomias (12%) evidenciando a presença de ansiedades ligadas ao corpo, bem como sentimentos de incompletude da mesma.

Apesar das respostas banais serem um indicativo de uma boa socialização e adaptação ao meio, a presença de um elevado número de banalidades (17%) pode operar como um mecanismo de defesa, remetendo para uma sociabilização de superfície. No psicograma conjunto registaram-se ainda os seguintes elementos qualitativos: equivalente choque nos cartões VII e IX e um comentário subjectivo no cartão V, realizados pela filha e pela mãe, respectivamente.

No geral, verifica-se que os símbolos criados por uma têm interferência nas produções da outra e como tal não devendo ser analisados separadamente, mas no seio da dinâmica estabelecida entre ambas, numa lógica recíproca de comunicação, ligação e relação simbólica. No entanto, e com o intuito de perceber quais as diferenças e as semelhanças, as aproximações e os afastamentos neste encontro entre as subjectividades individuais, quais os traços que se mantêm ou se transformam, será realizada a análise individual dos psicogramas da filha e da mãe.

Nesta óptica, na análise às respostas individuais sobressai o elevado número de produções realizadas pela Joana (49) versus as trinta apresentadas pela sua mãe. Paralelamente, e apesar de ambas apresentarem um mesmo modo de apreensão, completo e desarmónico, constata-se uma grande diferença no modo como este é utilizada. No psicograma da Joana são as apreensões do pequeno detalhe surgem com valores acima dos normativos para a sua faixa etária, enquanto no da sua mãe são as apreensões globais e de detalhe branco que surgem com percentagens superiores ao esperado, bem como a apreensão

a determinantes com formas de má qualidade.

As diferenças entre os psicogramas acentuam-se no tipo de ressonância íntima e no índice de angústia, com a Joana a caracterizar-se como extratensivo e portanto, mais impulsiva e emotiva, mais virada para o mundo externo do que o interno, dando maior relevo aos estímulos recebidos do exterior e deixando-se dominar por cargas afectivas, ao invés de sua mãe cujo T.R.I. introversivo puro dando conta de um funcionamento que privilegia o pensamento em detrimento da emoção. No que concerne ao índice de angústia, o elevado valor expresso no psicograma da Joana (24%), releva angústias significativas, contrariamente ao que sucede com a sua mãe, cujo IA é de 10%.

Na análise dos conteúdos, a Joana apresentou 22% de produções de conteúdos humanos que, ligeiramente acima da média, revelam uma adequada capacidade de relacionamento bem como a aptidão para reconhecer a sua identidade subjectiva. De realçar ainda o elevado número de respostas de anatomia apresentadas pela Joana, indicativo de uma interioridade mal guardada e de uma fragilidade aliada à imagem do corpo. Por seu lado, a maioria das produções da Maria foram de conteúdos animais sugestivo do recurso de uma carapaça social como defesa contra o contacto com o autêntico, com a relação verdadeira, sugestivo de uma adaptação social superficial e rígida. Ainda no que concerne aos conteúdos produzidos, tanto a Joana como a mãe apresentam pouca diversidade nas respostas e um igual número de produções banais, dando conta de uma pouca entrega e de uma socialização de superfície.

No que concerne aos elementos qualitativos, destacam-se os equivalentes choque da Joana nos cartões VII – *“parece um...uma coisa, não sei o que é que é”* e IX – aumento do tempo de latência e excessivo manuseamento do cartão, reenviando para a dificuldade em lidar com o vazio, este mais evidente no cartão VII. No psicograma da Maria realça-se o comentário subjectivo *“Pois é, acho que estamos aqui fixadas no morcego”*, dando conta de dificuldades de integração, criação e transformação da mancha, apesar de seguida apresentar uma resposta banal.

5. DISCUSSÃO

Com a aproximação do fim, é chegado o momento de realizar a integração das narrativas decorrentes da situação Rorschach e as principais ideias encontradas na teoria, por forma a compreender como é que estas se operacionalizam na dinâmica relacional mãe adoptiva –filha adoptada, numa óptica de unicidade. A articulação entre os conceitos teóricos explorados na revisão de literatura e a análise conjunta das narrativas e símbolos produzidos possibilitará perceber como, pela operacionalização da função α e da *rêverie*, e atendendo à relação ♀ - ♂ da díade, se realiza o trabalho de ligação, transformação e (re)criação, se comunicam as subjectividades e se cria a intersubjectividade na relação.

Através da situação Rorschach, mãe adoptiva e filha adoptada ligam-se, comunicam, destroem e constroem novos significados e, da análise das suas respostas, serão salientados os aspectos que se apresentam como mais relevantes, tendo por base os modelos teóricos anteriormente referidos.

Assim, e considerando os procedimentos de análise definidos, verifica-se que o acesso à identidade parece algo fragilizado, em ambos os casos, sugerindo que os processos de individuação e separação possam ter sido realizados com falhas, impedindo a construção de um espaço psíquico delimitado e organizado. Implicando um reconhecimento da diferença entre si e o objecto, dentro-fora, a representação da imagem de si e da sua identidade expressas nas projecções dos cartões I, IV, V e VI revelam a presença de determinantes formais que derivam em narrativas de má qualidade formal, indiciam um continente pouco estável e contendor, inoperante, incapacitando o desenvolvimento da identidade. A presença de apreensões globais ou parciais de má qualidade formal revelam a existência de um envelope perceptivo mais debilitado na Joana, não lhe possibilitando uma verdadeira diferenciação e separação Eu/não-eu, consciente/inconsciente, podendo comprometer a criação de novos objectos internos e externos e a recriação do indivíduo e de objectos com novas qualidade e novas características (Cabral, 1998, cit. por Soares & Marques, 2009). A presença de poucos conteúdos humanos reais associados a grandes cinestésias reforçam a noção de fragilidades aos nível dos processos identificatórios e de uma representação integrada de si e do outro, numa lógica de tolerância à frustração, ausência e separação na dimensão relacional (Chabert, 2003) e ao nível de diferenciação dentro-fora e a capacidade de contenção de manter a dialéctica entre unidade e separação (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009). Porém, a presença de símbolos de boa qualidade formal remetendo para a relação

entre duas figura, nas narrativas dos cartões bilaterais e relacionais e a presença de conteúdos humanos associados a determinantes formais dão conta de uma relação com o objecto total e da capacidade para reconhecer a identidade subjectiva (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009). A análise global de conteúdo das narrativas e dos cartões I, IV, V e VI em particular, revelam uma Joana frágil e insegura ao nível da representação de si e uma Maria que, apesar de apresentar uma clara diferenciação eu-outro, com um dentro-fora bem delimitado, surge envolta do receio de se perder nas partes inconciliáveis de si, revelando também fragilidades na sua representação de si.

Evidenciando uma relação ♀ - ♂ com algumas falhas e ambivalente, seja pelo não acolhimento das identificações projectivas da Joana – *“tu é que sabes”*, seja por uma disfunção na função α da Maria que, por vezes, se revela incapaz de operar a transformação dos elementos β , devolvendo-os saturados das suas próprias frustrações e angústias e em formas de má qualidade – *“uma borboleta”* → *“uma borboleta daquelas da noite”*, *“um papagaio”* → *“olhos de mocho”*, deixam a Joana incapaz de os (re)significar e (re)criar devido à sua toxicidade.

A presença de determinantes vagos F_{\pm} e $FClob$ em algumas das narrativas da Joana, *“aquela coisa que abre para a comida”*, *“parece um saco de ...”*, *“um monstro”* dão conta do carácter algo instável e precário do continente psíquico e das dificuldades em conter e elaborar os afectos (Gavanha & Marques, 2009). Originando o desenvolvimento de um ego fragilizado por não encontrar um continente contendor e transformados, os baixos tempos de latência da Joana dão conta da emergência de evacuação dos conteúdos tóxicos que, impossíveis de serem elaborados, têm de ser rapidamente expelidos, recorrendo para tal à utilização maciça da identificação projectiva ao serviço de uma não comunicação (Bion, 1962-91).

Apesar de ser a mãe, na maioria das vezes, a contentora das projecções da filha e, através da função α e da *rêverie* materna, acolhe, descodifica, significa e nomeia os elementos β da Joana (*“um monstro”* → *“mas não é um monstro assustador, é fofinho”*, *“duas pessoas assim”* → *“dois meninos quase a darem um beijinho”*, *“aquelas coisas do oceano”* → *“uma manta”*), verifica-se ao longo do protocolo que também a Joana actua como continente das identificações projectivas da mãe, transformando-as e devolvendo-as nomeadas – *“duas aves”* → *“dois papagaios”*.

O assumir do papel de continente pela Joana revela uma prévia introjecção do objecto continente e da sua função α , habilitando-a de elaborar a sua própria experiência emocional

(Zimerman, 1995) (e.g.: “*uns pulmões*” → “*uns corações*”; “*um peixe*” → “*cavalo-marinho*”), mas também, através da identificação projectiva, determinar a relação de empatia com o objecto e colocar-se subjectivamente no lugar do outro, compreendendo melhor os sentimentos do outro (Vasconcelos, 2000), proporcionando-lhe as ferramentas que a capacitam de acolher e transformar as projecções da sua mãe.

Através da análise da sequência dos modos de apreensão, verifica-se que é a Joana que apresenta o maior número de movimentos progredientes dando conta de uma atitude de exploração, de procura e de conhecimento do outro e da relação intersubjectiva quer através da evolução *da coisa em si* para um símbolo mais elaborado e com significação psíquica, quer pela procura de uma significação nas projecções da mãe “*eu não tou a ver... por acaso até parecem*”, “*eu nunca vi um papa-formigas*”, “*onde? e o que é isto aqui?*”.

É também a Joana que apresenta os dois equivalentes de choque, realizando movimentos regredientes em cartões que põem em evidência as fragilidades relacionadas com a imago materna com a emergência de sentimentos de carência, vazio e insegurança (“*parece um...uma coisa, não sei o que é que é, duas pessoas assim...*”, “*...os nossos pulmões...um coração*”). Facto não menos interessante é que, apesar da Maria não ter apresentado recusas ou equivalentes de choque, a maioria das manipulações dos cartões, dez das treze vezes, foi realizada por si, quase sempre na sequência das suas próprias projecções,

Observando as narrativas ao longo dos cartões, é notória a progressão da relação mãe-filha com uma maior unificação e integração simbólica, desenvolvendo-se um espaço intersubjectivo à medida que a situação projectiva vai evoluindo. No primeiro contacto com as manchas, as produções realizadas pela díade surgem como subjectividades isoladas caminhando para uma maior influência e dependência de conteúdos, i.e., com uma a apresentar símbolos e significações pertencentes ao mesmo universo da narrativa anterior.

Ao longo do protocolo de aplicação conjunta é frequente assistir-se a uma duplicação das estruturas das narrativas produzidas, servindo esta como forma de reconhecimento do outro e da sua subjectividade “*depois da Joana falar também vejo*”, “*pois parece*”, “*sim, parecem dois animais*”, mas também como veículo de transformação do ambíguo, desconhecido e não nomeado em algo passível de ser sonhado e pensado, experienciado como menos tenebroso e assustador e como tal, abrindo o caminho à possibilidade de se enfrentar novos desafios e de se aprender com a experiência (Bion, 1962-91) – “*um monstro*” → “*mas não é um monstro assustador, é fofinho*”.

Tendo em conta a importância da relação ♀ - ♂, da emergência da função α e da

rêverie como o motor do desenvolvimento da vida mental através da qual é possível processar e transformar os estímulos da realidade externa, Ferro (2006), afigura-se relevante analisar as narrativas decorrentes das significações simbólicas dos cartões que reenviam para a relação materna. Evidenciando dificuldades relacionais, verifica-se a existência de carências afectivas na relação precoce pautada por um vazio relacional (Joana – “*duas pessoas a segurarem uma coisa*”; Maria – “*duas pessoas sentadas*”) e o comprometimento da relação com a mãe pré-genital (Joana – “*...não sei o que é, duas pessoas assim*”, “*um saco de...*”; Maria – “*um útero*”). Apesar das suas dificuldades relacionais evidenciadas, é interessante realçar o movimento de reparação operado pela Joana no cartão que apela à regressão. Perante a solicitação do cartão, os símbolos criados pela Maria deixam transparecer as suas angústias “*um daqueles monstros*”, que a Joana acolhe e transforma num conteúdo menos angustiante, acessível e domesticado “*um gato*”.

Relembrando que a identificação projectiva surge como uma conceptualização da criação da subjectividade através da relação de interpenetração de subjectividades (Grinberg, 1962, cit. por Ogden, 1992) e que a intersubjectividade, enquanto campo de intersecção entre duas subjectividades, interacção entre dois mundos subjectivos diferentes, é criada pela díade aquando dos momentos de sincronia entre si, da análise da relação intersubjectiva no seu conjunto constata-se que esta, a relação intersubjectiva filha adoptada e mãe adoptiva ocorre com algumas falhas. Realizando movimentos de aproximação à mãe, é notória a procura da relação intersubjectiva da Joana, seja sob a forma de inquéritos aos símbolos criados pela mãe “*onde está a mesa?*”, “*uma ave?*”, pela exploração e elaboração em torno das significações da mãe “*e aqui as bochechas*”, “*olha as patas*”, “*com pelos*”, pelo reconhecimento da sua própria subjectividade “*não achas?*” ou pela tentativa de envolver a mãe numa dialética conjunta “*aquela coisa que tu disseste*”. A leitura das narrativas e seus conteúdos possibilita a compreensão da dinâmica desta díade, onde, e apesar da existência de algumas falhas, ocorre numa alternância de conteúdos mais dispersos, fragmentados rumo a símbolos (re)construídos e (re)integrados como se pode constatar em algumas das suas interações – Maria: “*depois da Joana falar também vejo um sapo, o focinho do sapo e aqui os olhos*”, Joana: “*e aqui as bochechas*”, Maria: “*é isso mesmo*”, Joana: “*o sapo Cocas*”; ou, Joana: “*parece um gato*”, Maria: “*as orelhas*”, Joana “*o bigode, os olhos e as orelhas, e o corpo aqui*”.

Analisando a originalidade dos conteúdos resultantes deste encontro de subjectividades, verifica-se que a maioria das significações criadas pela Maria aparentam ter

sido grandemente influenciadas e condicionadas pelos símbolos produzidos imediatamente antes pela filha, com a manutenção da natureza de conteúdos, em particular conteúdos de natureza animal e anatómico – “dois cães” → “uma raposa” → “dois felinos” ou “pulmões” → “coração” → “útero”

Decorrente da análise dos psicogramas individuais, verifica-se que, tanto mãe como filha realizam a apreensão dos perceptos predominantemente em detalhe, apesar do D% se encontrar abaixo dos valores de referencia, indiciando o desinteresse pelo concreto e pelo real (Chabert, 2003). Apesar da sensibilidade ao branco, enquanto lacuna intra-macular, ser comum em ambos os protocolos, “olhos de mocho”, “olhos de uma mosca”, é o da Maria que apresenta valores acima dos normativos, podendo indiciar uma vivência persecutória com traços da linha depressiva, onde impera a necessidade de preencher o buraco, o vazio vivido.

Apresentando um TRI extratensivo, a Joana caracteriza-se por ser mais impulsiva e emotiva, mais virada para o mundo externo do que o interno, dando maior relevo aos estímulos recebidos do exterior, deixando-se dominar por cargas afectivas, ao invés de sua mãe cujo T.R.I. introversivo puro que dá conta de um funcionamento que privilegia o pensamento em detrimento da emoção. Também a diferença entre psicogramas ao nível do índice de angústia é relevante, com a Joana a apresentar a presença de angústias significativas (24%), ao invés da sua mãe, cujo valor é de 10%.

Considerando que a subjectividade individual se desenvolve através da possibilidade do individuo experienciar diferentes formas de intersubjectividade bem sucedidas, alcançando assim uma identidade e alteridade na relação com o outro e, conseqüente crescimento e expansão mental (Ogden, 2004), as lacunas nos encontros intersubjectivos precoces podem então ser apontadas como uma das razões para as dificuldades encontradas pela Joana, e também pela sua mãe, no alcance da subjectividade. Assim, existência de algumas falhas no acesso à identidade, à representação de si, à internalização da função α e à relação continente-conteúdo, terão na sua origem falhas nos encontros intersubjectivos precoces que se revelam e recriam nos actuais encontros.

Assim, parece-nos que a experiência projectiva partilhada pela Joana e a sua mãe, num caminho de interpretação, comunicação, simbolização e criação (Marques, 1999) possibilitou uma melhor compreensão da dificuldade vivida por ambas, na criação e recriação de significação que lhes permita interpretar a sua experiencia.

6. CONCLUSÃO

Chegado o início do fim de um percurso, cabe realizar uma reflexão sobre o caminho percorrido ao mundo relacional intersubjectivo de uma díade mãe adoptiva, filha adoptada, através do qual descobrimos e visitámos lugares até então desconhecidos.

Nascendo do desejo de compreender como é que a criança adoptada se cria e recria, deu-se início a uma viagem pelas concepções teóricas de Bion sobre a relação continente-conteúdo, a função α e a *rêverie* no desenvolvimento de um aparelho de pensar.

Assim, pretendeu-se com o presente estudo aceder e avaliar a qualidade do encontro entre as subjectividades mãe-filha, tendo para tal recorrido ao método Rorschach, enquanto instrumento mediador do intersubjectivo e, através da análise das narrativas resultantes da dinâmica relacional de aplicação conjunta mãe adoptiva e filha adoptada, pretendeu-se compreender qual a natureza do continente que opera a simbolização e a (re)significação, qual a qualidade da internalização da função α , bem como de que forma como se relacionam as subjectividades de mãe e filha.

Apesar das dificuldades no alcance da subjectividade e intersubjectividade, encontrámos nas narrativas criadas pela mãe e pela filha movimentos de aproximação, de contenção, de transformação e (re)significação.

Revisitando o percurso realizado, afigura-se pertinente fazer referencia às limitações do estudo, sendo estas encaradas como uma possibilidade de crescimento, tanto do estudo como pessoal. A mais salientes das limitações prende-se com aspectos relacionados com o rigor da aplicação da prova Rorschach, nomeadamente não realização inquérito que explora as modalidades perceptivas. Lapso que será tido em consideração em futuras aplicações e que poderá ter ocorrido devido ao elevado número de respostas e ao facto de, no decorrer da aplicação da prova, filha e mãe questionarem sobre a localização do símbolo criado pela outra.

Outra das limitações encontradas prende-se com os procedimentos criados para a análise das respostas Rorschach, podendo estes não dar a real conta dos processos de intersubjectivação no seio da relação continente-conteúdo, onde o isolamento minucioso dos procedimentos de análise poderá constituir uma mais-valia.

Apesar de se poder considerar que o objectivo proposto foi passível de ser pensado e alcançado, o estudo das dialécticas intersubjectivas é complexo e nunca finito devido às múltiplas expressões que o constituem. Assim, apela-se à realização de novos estudos que

detenham protocolos conjuntos de díades adoptiva-adoptada, no sentido de se captar as dimensões mais profundas do contacto intersubjectivo, de como se processa a actividade de ligação e comunicação das realidades internas e externas que se criam a partir de novas relações de continente-conteúdo, possibilitando um novo início à criança adoptada com a integração do antigo transformado e (re)significado.

Como aspectos positivos, gostamos de pensar ter contribuído para o alargamento das concepções teóricas psicanalíticas e para a expansão de novas potencialidades e aplicações do método Rorschach, instrumento de infinitas possibilidades de conhecimento profundo dos processos psíquicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bion, W. R. (1959). Attacks on Linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-316.
- Bion, W. R. (1962-91). *Learning from experience*. Londres: Karnac.
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: desejos de pulsão, desejos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Brown, L. J. (2011). *Intersubjective processes and the unconscious – An integration of Freudian, kleinian and bionian perspectives*. Londres: Routledge.
- Cunha, I. M. & Marques, M. E. (2009). A construção do eu adolescente na relação com o(s) outro(s): o igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 3(27), 247-257.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Ferro, A. (2002). Superego transformation through the analyst's capacity for reverie. *Psychoanalytic Quarterly*, 71(3), 477-501.
- Ferro, A. (2006). Trauma, reverie, and the field. *Psychoanalytic Quarterly*, 75(4), 1045-1056.
- Fonseca, M. A. (2012). *A intersubjetividade no transgeracional através de um Rorschach de aplicação conjunta*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Gavanha, S. & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27 (3), 269-279.
- Godinho, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 27 (3), 349-363.
- Golse, B. (1998). Sigmund Freud. In B. Golse (Cord.), *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*, (23-56). Lisboa: Climepsi.
- Jardim, D. (2012). Epistemologia e realidade psíquica em Bion, Winnicott, Freud e Melanie Klein. *Cultura e Fé*, 137(35), 227-240.
- Klein, M. (1975). *Envy and Gratitude and Other Works 1946–1963*: Edited By: M. Masud R. Khan. In *Envy and Gratitude and Other Works 1946–1963*. Londres: The Hogarth

- Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Lisondo, A. (1999). Travessia da adoção: A ferida na alma do bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(3), 495-514.
- Maggi, N. R. (2009). A criança em situações de adoção e a clínica psicanalítica: o registo identificatório e os recursos no processo de simbolização. *Estudos de Psicanálise*. 32, 141-146.
- Marques, M.E. (1994). Do desejo do saber ao saber do desejo: contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 4(12), 431-439.
- Marques, M.E. (1999). *A psicologia clinica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica* 12(4), 459-462.
- Martins, M.P. (2005). Discursos sobre o Rorschach: Construções na intersubjectividade. *Análise Psicológica*, 4(23), 391-400.
- Meltzer, D. (1981). The Kleinian expansion of Freud's metapsychology. *The International Journal of Psychoanalysis*, 62(2), 177-185.
- Morais, L. F. (1974). Comunicação humana: um processo relacional. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Ogden, T. H. (1992). The dialectically constituted / decentred subject of psychoanalysis: II. The contributions of Klein and Winnicott. *The International Journal of Psychoanalysis*, 73(4), 613–626.
- Ogden, T. H. (1994). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, 3-20.
- Ogden, T. H. (2004). The Analytic Third: Implications for Psychoanalytic Theory and Technique. *Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167-195.
- Oneto, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica*, 27 (3), 331-347.
- Pedinielli, J. L. & Fernandez, L. (2008). *O estudo de caso e a observação clínica*. Lisboa: Climepsi.

- Pires, A. (1987). *O teste de Rorschach na avaliação psicológica: fundamentação, validade e estudo normativo na população portuguesa*. Dissertação apresentada às provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Brasil: Thomson Pioneira.
- Rorschach, H. (1951). *Psychodiagnostics – a diagnostic test based on perception*. Nova Iorque: Grune & Stratton Inc.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interações. *Análise Psicológica*, 4(1), 17-22.
- Rausch de Traubenberg, N. & Boizou, M. F. (1999). *O Rorschach na clinica infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Rezende, A. M. (1995). *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papyrus Editora.
- Soares, A. & Marques, M. E. (2009). Crescer por dentro: A barreira de contacto no processo adolescente através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 259-267.
- Symington, J. & Symington, N. (1999). *O pensamento clinico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Vasconcelos, A. M. (2000). *O bebé do limbo – uma abordagem à observação de bebés pelo método de Esther Bick*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Viegas, J. C. (2007). *O Rorschach e o agir na patologia borderline: a alucinação negativa e a simbolização*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Zimmerman, D. E. (1995). *Bion da teoria à prática – uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS




Anexo A – Protocolo conjunto do Rorschach - Mãe e Filha



Tempo de aplicação: 28 min.



Tempo de latência médio: 3-5 séc.


Mãe (M): Maria com 40 anos


Filha (F): Joana com 10 anos

	Respostas	Filha	Mãe
Cartão I 	[34''38] F: (1) Um morcego M: (2) Um pássaro F: (3) Uma mosca (Dd sup.) M: (4) Dois corvos de costas um para o outro	G F+ A Ban D F+ A	G F+ A Ban G F+ A
Cartão II 	[34''29] F: (5) Dois animais a darem "5" M: (6) Eu vejo dois elefantes a juntarem as trombas F: Eu não tou a ver... por acaso até parecem	G kan A Ban	G kan A Ban
Cartão III 	[1'42''03] F: (7) Duas pessoas a segurarem uma coisa e (8) um sapo M: (9) Eu vejo duas pessoas sentadas num café com duas bebidas à frente (D verm.) F: Onde está a mesa? M: Aqui (D inf.) (↓) Depois da Joana falar também vejo o sapo (G), o focinho do sapo (D inf.) e aqui os olhos (D lat.) F: e aqui as bochechas M: É isso mesmo (sorriso) F: O sapo Cocas	G K H Ban Gbl F+ Ad	G K H/Obj Ban


<p>Cartão IV</p> 	<p>[1'37''28]</p> <p>F: (10) É um monstro. Tem aqui os pés, aqui a cabeça, e a cauda</p> <p>M: (11) Para mim é a cara de um monstro. Mas não é um monstro assustador, é um monstro fofinho</p> <p>F: Fofinho?</p> <p>M: Sim, os olhos (aponta Dd central)</p> <p>F: Pois parece. Posso voltar ao contrário?</p> <p>(↓)</p> <p>M: (12) Assim parece um morcego</p> <p>F: Pois parece.</p> <p>(13) E também parece um pato. Aqui o...</p> <p>M: Um bico</p> <p>F: Não parece?</p> <p>M: Tu é que sabes</p> <p>F: Eu não vejo mais nada</p> <p>M: Assim é um morcego</p>	<p>G FClob (H)</p> <p>G F- A</p>	<p>G FClob (H)</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>Cartão V</p> 	<p>[1'18''58]</p> <p>F: (14) Um morcego</p> <p>M: Pois é. Acho que estamos aqui fixadas no morcego</p> <p>F: (15) Ahh, uma borboleta</p> <p>M: (16) Uma borboleta daquelas da noite, uma mariposa</p> <p>(↓)</p> <p>(17) Assim parece a cabeça de um papa-formigas (D lat.)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>	<p>Comentário subjectivo</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>D F+ Ad</p>

	<p>F: Eu nunca vi um papa-formigas</p> <p>M: Já viste nos desenhos animados, têm assim um focinho comprido</p> <p>F: Do Hakuna Matata</p> <p>M: (→)</p> <p>(18) Olha se olharmos bem assim parece a cabeça de um crocodilo com a boca meio aberta (D lat.)</p> <p>F: Com pelos aqui</p>		D F+ Ad
<p>Cartão VI</p> 	<p>[1'21''02]</p> <p>F: (19) Aqui parece um tigre (D sup.)</p> <p>M: (↓)</p> <p>(20) Assim parece a pele de um urso aberta</p> <p>F: (21) Aqui parece uma foca, com o focinho aqui (D lat.)</p> <p>(22) Aqui parece o nosso organismo. (D central)</p> <p>(23) E aqui aquela coisa que abre para a comida ir</p> <p>M: (24) O esófago, para abrir os movimentos peristálticos, é? Nem tinha reparado nisso, mas acho que tens razão, parece.</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F- Anat</p> <p>Dd F± Anat</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>Dbl F- Anat</p>
<p>Cartão VII</p> 	<p>[2'10''99]</p> <p>F: Parece um...uma coisa não sei o que é que é. (25) Duas pessoas assim.. duas pessoas assim</p> <p>M: (26) Parece dois meninos</p> <p>F: sim</p>	<p>Eq.choque</p> <p>G F+ H</p>	G K H/(H)

	<p>M: quase a dar um beijinho, como se fossem dois cupidos (↓) Vamos virar?</p> <p>F: (27) Parece uma senhora gorda (aponta para D laterais) as pernas e os braços. Aquelas senhoras do avião que têm aqui uma coisa (D sup.)</p> <p>M: um chapéu. As hospedeiras, as assistentes de bordo</p> <p>F: (28) Aqui parece também um saco de ... (D lat.)</p> <p>M: (29) Um saco de batatas?</p> <p>F: Aquilo que tu disseste ...</p> <p>M: Ah, um saca rabos, aqueles que andam sempre colados às caudas uns dos outros</p> <p>F/M: Aqui um, aqui outro</p> <p>M: (→) (30) Olha se virarmos assim parece um cão aqui, o cão do <i>Tintin</i>, e aqui outro. (31) Dois cães com as patas viradas um para o outro a comerem qualquer coisa (D lat.).</p> <p>F: (32) Também parece uma raposa, aqui o focinho</p>	<p>G F+ H</p> <p>D F± Obj</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p>	<p>D F- Obj</p> <p>D kan A</p>
<p>Cartão VIII</p> 	<p>[1'12''37]</p> <p>F: (33) Parece um vestido... a parte de cima, aquela parte assim, e também isto é uma parte acima, e isto é a saia, e isto é uma blusa com T-shirt</p> <p>(34) E aqui parece uma raposa (D rosa lat.)</p>	<p>G F+ Vest.</p> <p>D F+ A Ban</p>	

	<p>M: Sim parecem dois animais aqui</p> <p>F: Sim, dois animais</p> <p>M: (35) Dois felinos</p> <p>F: (36) Sim, olha as patas</p> <p>M: As patas, a cauda e a cabeça</p> <p>(↓)</p> <p>Olha se virarmos</p> <p>F: (37) Aqui parece aquelas coisas do oceano... uma manta (D inf.)</p> <p>M: (38) Uma manta, pois parece</p> <p>F: Tá tudo</p>	<p>D F+ Ad</p> <p>D F- A</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p>
<p>Cartão IX</p> 	<p>[3'38''25]</p> <p>F: vira e revira a cartão – 1''30</p> <p>(39) Aqui parece os nossos pulmões aqui, sem contar com esta parte (Dd rosa. inf.).</p> <p>(40) Aqui parece um coração. (Dd verm. lat. inf.)</p> <p>M: (41) Aqui parece um útero (D laranj. lat. sup.).</p> <p>(42) E se ficar tudo junto parece um daqueles monstros do Harry Potter, com as narinas e uns olhos, a testa e aqui a boca. Aqueles seres que aparecem lá nos filmes</p> <p>F: Sim. (43) Também parece um gato</p> <p>M: As orelhas</p> <p>F: O bigode, os olhos e as orelhas e aqui o corpo.</p> <p>(44) Parece também os pulmões (D verd.)</p>	<p>Eq. Choque</p> <p>Dd FC Anat.</p> <p>Dd FC Anat</p> <p>G F+ A</p> <p>D F- Anat</p>	<p>D/Dbl F- Anat</p> <p>G F+ (H)</p>

	<p>F: e (45) uns corações (Dd verm.). (46) E também uma foca (D verd.), a contar com isto</p> <p>M: Uma foca?</p> <p>F: Sim,</p> <p>M: Ah sim, falta a bolinha para ela brincar</p> <p>F: Nós podíamos ter uma foca</p> <p>M: Em casa?</p> <p>F: Uma lontra</p> <p>M: Uma lontra em casa. Só se for na banheira</p> <p>F: O Ivo tem e gosta de tomar banho</p> <p>M: (↓) Olha vamos virar ao contrário</p> <p>F: Aqui</p> <p>M: Sim?</p> <p>F: (47) Aqui parece uma menina com uns olhos, cabelo e um “caqui”</p> <p>(48) E aqui parece a Mafaldinha</p> <p>M: O cabelo da Mafaldinha?</p> <p>F: O cabelo da Mafaldinha, as bochechas da Mafalda e um gancho</p> <p>M: (↑) (49) Aqui parece uma ave (D verd.)</p> <p>F: Uma ave?</p> <p>M: Sim, de asas abertas, (51) uma ave de rapina</p> <p>(51) E aqui parecem outras duas aves num poleiro (D laranj.)</p> <p>F: (52) Não, não, um papagaio</p> <p>M: Papagaios, é isso mesmo</p> <p>F: (↓) (53) Isto também parece um palhaço</p>	<p>Dd FC Anat Dd F+ A</p> <p>Gbl F+ Hd G F+ (H)</p> <p>D F- A D F+ A D F- A D F+ A G F+ (H)</p>	
--	--	---	--

	<p>M: (54) e aqui tem olhos de mocho</p> <p>F: (55) E aqui parece um monstro, tem aqui umas asas (verd), um nariz (verd. claro) e os olhos (branco) e aqui uma narina de.. não, (56) os olhos de uma mosca (Dd bl)</p> <p>M: (57) Também parece uma coruja aqui, com uns olhos</p> <p>(↑)</p> <p>F: (58) E aqui dois papagaios (D laranj.)</p> <p>M: ah sim</p>	<p>Gbl clob (H)</p> <p>Ddbl F+ Ad</p> <p>D F+ A</p>	<p>Ddbl F+ Ad</p> <p>Gbl F+ A</p>
<p>Cartão X</p> 	<p>[1'12''27]</p> <p>F: (59) Parecem dois olhos (branco)</p> <p>(60) um nariz (laranj.) e</p> <p>(61) um bigode (verde)</p> <p>(62) Aqui parece um soutien (D azul central) Parece, aqui esta parte assim...</p> <p>M: Pois parece</p> <p>F: (63) Aqui parece uma aranha (D azul lat.)</p> <p>(64) Mãe, um caranguejo (D azul lat.)</p> <p>M: (65) Cavalos-marinhos (D rosa)</p> <p>F: Um caranguejo, olha.. sim cavalos-marinhos</p> <p>M: Caranguejos</p> <p>F: (66) Uns pulmões (D cinza inf.)</p> <p>M: (67) Uma traqueia (Dd cinza central)</p> <p>F: Uns pulmões</p> <p>(↓)</p> <p>Aqui parece um, um...</p> <p>(68) um senhor, boca e a barba (cinza)</p>	<p>Ddbl F- Hd</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F+ Vest</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>G F+ H</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ Anat</p>

	<p>F: (69) um monstro que tem aqui o cabelo (rosa), óculos (azul), nariz (amarelo), a (70) E aqui também parece uma centopeia, aquelas coisas que têm aqui umas antenas (cast.)</p> <p>(71) Uma barata (cast.) Olha para a mãe</p> <p>M: E estás à espera que eu grite aqui (72) Aqui parece um astronauta no espaço (D verde claro centro)</p> <p>F: Onde?</p> <p>M: Aqui, com um capacete e um fato</p> <p>F: E o que é que é isto mãe? Os Braços? Sem contar com isto</p> <p>(73) Aqui o sol (D amare. centro)</p> <p>(74) Aqui parece um peixe (D verde lat.)</p> <p>M: (75) Um peixe balão</p> <p>F: Não, olha aqui o olhinho e a boca (76) Cavalo-marinho (rosa)</p> <p>M: Aqui parece...</p> <p>F: (77) Uma barata</p> <p>M: (78) Não, um insecto</p> <p>F: Mas parece uma barata</p> <p>M: Não me lembro do nome</p> <p>F: Que está a comer o peixe amarelo Já não vejo nada</p> <p>M: (79) Isto ainda parece outra coisa. A torre Eiffel (D cinza).</p>	<p>DbI F+ (H)</p> <p>D F- A</p> <p>D F- A</p> <p>D FC Astr.</p> <p>D F± A</p> <p>D F+ A</p> <p>D kan A</p>	<p>Coment. Subj. D K H</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ Monum.</p>
--	--	--	---

Prova das escolhas:

Joana

(++): Cartão III porque *“parece o sapo Cocas”*

Cartão V porque *“parece um morcego e é fácil de adivinhar”*

(- -): Cartão IV porque *“é difícil de adivinhar”*

Cartão VI porque *“não parece nada”*

Mãe

(++): Cartão III porque *“este faz lembrar duas pessoas descontraidamente num café”*

Cartão V porque *“aqui gosto do morcego com as asas abertas. Não precisa de ser assustador”*

(- -): Cartão X porque *“tem muitos elementos e em vez de focar a atenção, dispersa”*

Cartão IV porque *“este é o oposto, tem uma mancha e é complicado de perceber”*

Anexo B – Psicograma da Joana

R – 49↑↑	G = 14	F = 40	F% = 82% ↑	H = 4	H% = 27% ↑↑
Recusas – 0	Gbl = 3	F+= 26	F+% = 69%	Hd = 4	A% = 51 %
	G% = 35%↓	F- = 11	Fa% = 97%	(H) = 5	
		F± = 3	Fa+% = 74%	A = 22	
	D = 24			Ad = 3	
	D% = 49%↓	K = 1		(A) = 0	
		kan = 2			
	Dd = 5			Anat = 7	Ban = 7 ↑
	Dd = 10% ↑	FClob = 1		Obj = 1	
		FC = 4		Vest = 2	
	Dbl = 1	CF = 0		Astr = 1	
	Dbl% = 2%	Clob = 1			
	Ddbl = 2				

T.Apreensão: $\overline{G} \overline{D} \underline{Dd} \underline{Dbl}$

T.R.I.: $1K < 2\Sigma C$

F.Compl.: $2\Sigma k > 0\Sigma E$

FC > C+CF

RC: 65% ↑↑

I.A.: 24% ↑↑

Equivalente choque: VII e IX

Anexo C – Psicograma da Mãe

R – 30↓	G = 11	F = 24	F% = 80% ↑	H = 3	H% = 21%
Recusas – 0	G% = 37%↑	F+= 17	F+% = 74%↓↓	Hd = 0	A% = 66%↑
	D = 17	F- = 7	Fa% = 100%	(H) = 3	
	D% = 56%↓	F± = 0	Fa+% = 79%	A = 17	
	Dd = 0	K = 3		Ad = 3	
	Dd = 0% ↓	kan = 2		(A) = 0	
	Dbl = 2	FClob = 1		Anat = 3	Ban = 7↑
	Dbl% = 7%↑	FC = 0		Obj = 2	
	Ddbl = 1	CF = 0		Monum = 1	
		Clob = 0			

T.Apreensão: $\overline{G} \overline{D} \overline{Dd} \overline{Dbl}$
T.R.I.: $3K > 0 \sum C$
F.Compl.: $2 \sum k > 0 \sum E$
FC = C+ CF
RC: 48% ↑
I.A.: 10%

Comentário subjectivo: V

Anexo D – Psicograma conjunto Mãe-Filha

R – 79	G = 35	F = 64	F% = 80% ↑↑	H = 7	H% = 24% ↑
Recusas – 0	Gbl = 3	F+= 43	F+% = 71% ↓↓	Hd = 4	A% = 56% ↑
	G% = 48% ↑	F– = 18	Fa% = 99%	(H) = 8	
	D = 41	F± = 3	Fa+% = 75%	A = 39	
	D% = 51% ↓	K = 4		Ad = 6	
		kan = 4		(A) = 0	
	Dd = 5			Anat = 10	Ban = 14 ↑
	Dd = 6%	FClob = 2		Obj = 3	
		FC = 4		Vest = 2	
	Dbl = 3	CF = 0		Astr = 1	
	Dbl% = 4% ↑	Clob = 1		Monum = 1	
	Ddbl = 3				

T.Apreensão: G D Dbl

T.R.I.: 4K > 2Σ C

F.Compl.: 4Σk > 0ΣE

FC > C+CF

RC: 59% ↑

I.A.: 17%

Equivalente choque: VII e IX

Comentário subjectivo: V

Anexo E – Modelo da carta de consentimento informado



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Consentimento Informado de Participação em Investigação

Eu, Carla Sofia Santos, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado de Psicologia Clínica, no ISPA – IU, pretendo realizar, no âmbito do plano curricular do curso, um trabalho de investigação cujo objectivo é explorar a expressão da função intrapsíquica *rêverie* (estado de receptividade emocional às vicissitude do outro) através da aplicação conjunta do Rorschach.

O procedimento consiste num único momento avaliativo, com a duração máxima de 1 hora, composto por um primeiro instante de recolha de dados através de uma entrevista semi-estruturada, seguido da aplicação da técnica projectiva de avaliação psicológica Rorschach, consistindo na apresentação de 10 cartões com manchas de tinta onde é solicitado que a díade mãe/filha falem do que veem nas mesmas. Realizada por mim, a recolha de dados será gravada para uma melhor análise do material recolhido.

Toda a informação recolhida é confidencial e anónima, não sendo divulgados quaisquer dados pessoais ou outros que possam conduzir à identificação dos participantes. É igualmente assegurado que a participação no presente estudo não acarreta qualquer dano físico, psicológico ou social. A colaboração é voluntária, podendo a qualquer momento ser interrompida a participação, sem qualquer prejuízo.

Caso aceite participar na realização da presente investigação, queira por favor assinar o presente consentimento informado, declarando que leu, compreendeu e concordou com o conteúdo do mesmo.

Em caso de dúvidas ou para qualquer esclarecimento adicional poderá contactar-me através do telefone 968022744 ou então por email, para o endereço carlasantos2005@gmail.com.

Nome da criança: _____

Assinatura do Enc. Educação
Responsável legal: _____

Data: ____/____/____